

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

LEONARDO MORANDI DE MELLO

**“O HORROR DO ESCOMBRO E A GLÓRIA DO VESTÍGIO”: ESPAÇOS DA  
RECORDAÇÃO E EXPERIÊNCIA DE TEMPO EM PEDRO NAVA**

PORTO ALEGRE  
2021

LEONARDO MORANDI DE MELLO

**“O HORROR DO ESCOMBRO E A GLÓRIA DO VESTÍGIO”: ESPAÇOS DA  
RECORDAÇÃO E EXPERIÊNCIA DE TEMPO EM PEDRO NAVA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em História.

Orientador: Prof. Dr. Fernando Felizardo Nicolazzi

PORTO ALEGRE  
2021

LEONARDO MORANDI DE MELLO

**“O HORROR DO ESCOMBRO E A GLÓRIA DO VESTÍGIO”: ESPAÇOS DA  
RECORDAÇÃO E EXPERIÊNCIA DE TEMPO EM PEDRO NAVA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura em História.

Aprovado em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dra. Caroline Silveira Bauer

---

Profa. Dr. Diego José Fernandes Freire

*Para Karen Garbo*

## RESUMO

Neste trabalho, faço uma análise do primeiro capítulo do volume cinco da obra memorialística de Pedro Nava (1903-1984), volume intitulado *Galo das trevas* (1981), buscando enxergar a experiência de tempo do autor. O primeiro capítulo da obra, *Jardim da Glória à beira-mar plantado*, é momento da narrativa de Nava em que o autor interrompe de forma mais radical o exercício de contar o passado para, nos guiando em caminhadas por seu bairro ou na intimidade de seu apartamento, compartilhar com seus leitores os seus espaços da recordação. Em espaços que são cenários de sua vida cotidiana, mas que também carregam em si vestígios do passado, Nava nos demonstra um olhar sobre o tempo como uma sobreposição de “agoras”. De um ponto de vista individual, ao mesmo tempo que vê nos vestígios uma forma de reencontro com o seu passado, Nava também se queixa da degradação desses espaços e, em uma tentativa de preservação, busca transmitir uma experiência através da escrita.

**Palavras-chave:** Pedro Nava, experiência de tempo, espaços da recordação.

## ABSTRACT

In this work, I analyze the first chapter of volume five of the memorialistic work of Pedro Nava (1903-1984), volume entitled *Galo das Sombras* (1981), seeking to see the author's experience of time. The first chapter of the work, *Jardim da Glória* by the seaside planted, is a moment in Nava's narrative in which the author interrupts in a more radical way the exercise of telling the past to, guiding us on walks through his neighborhood or in the intimacy of his apartment, share his memory spaces with his readers. In spaces that are scenarios of his daily life, but which also carry traces of the past, Nava shows us a look at time as an overlay of "nows". From an individual point of view, at the same time that Nava sees in the traces a way of reuniting with his past, Nava also complains about the degradation of these spaces and, in an attempt to preserve them, he seeks to transmit an experience through writing.

**Keywords:** Pedro Nava, experience of time, spaces of remembrance.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b>	8
<b>Capítulo 1: Roteiro sentimental</b>	14
1.1 Sobre um prazer refinado: Nava Flanêur	15
1.2 Corpo da ruína: a contemplação do insignificante	20
1.3 Tempo e experiência	36
<b>Capítulo 2: O palácio da memória de Pedro Nava</b>	42
2.1 Casarquivo	44
2.2 Ruína do corpo	52
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	62
<b>REFERÊNCIAS</b>	64

## INTRODUÇÃO

Ao completar 65 anos de idade, Pedro da Silva Nava, recém aposentado da carreira de médico, inicia a escrita de suas memórias. Corria o ano de 1968 e tanto o Brasil como o mundo experimentavam profundas mudanças sociais: enquanto a sociedade clamava por mudança e revolução, Pedro Nava fechava-se em seu escritório para efetuar o trabalho de rememoração e escrita de memórias. Sua obra veio a ser lançada a partir de 1972, com seu primeiro volume de memórias intitulado *Baú de Ossos*. A esse volume, seguiu-se, no ano de 1973, *Balão Cativo*, com o mesmo sucesso do volume anterior. Após três anos da publicação do segundo volume, é lançado, em 1976, *Chão de Ferro*. Em 1978, Nava publica *Beira-mar*, quarto volume de suas memórias. Seguindo nesse curto intervalo de tempo entre suas publicações, em 1981 sai o quinto volume das memórias, intitulado *Galo-das-trevas* e, em 1983, *O Círio Perfeito*. Com seu suicídio, em maio de 1984, Nava deixava inconcluso o sétimo volume de sua obra memorialística, cujo título era *Cera das Almas*. Todos os volumes publicados por Nava contaram com grande sucesso, com suas publicações passando a casa das dezenas de milhares de unidades vendidas, fato não irrelevante dentro do contexto do mercado editorial brasileiro da década de 70.

Nava, escritor tardio, obteve o amplo reconhecimento de público e crítica que, em seu círculo particular, já lhe era outorgado pelos amigos de longa data e figuras consagradas da literatura nacional, como Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira. Este último, entusiasta dos escritos de Nava, chegou a publicar um poema de Nava em uma antologia de poetas bissextos lançada em 1946. Participante ativo do movimento modernista mineiro, Nava assistiu a ascensão de seus amigos íntimos enquanto se destacava na clínica médica e, inclusive, iniciava no Brasil técnicas pioneiras na clínica reumatológica, tornando-se nome de destaque nessa área. Durante esse período entre sua formação em medicina e sua aposentadoria, publicou um poema, livros sobre medicina e crônica médica, além de alguns textos em jornal.

Nascido em Minas Gerais, o autor passou a maior parte da infância e juventude nesse Estado, mas sempre interpondo momentos em que morou no Ceará, com a família paterna e também no Rio de Janeiro. Depois de formado, passa um breve período no interior de São Paulo, mas é no Rio de Janeiro que ele se instala e onde passa a maior parte de sua vida até sua morte. Ao longo de suas memórias, serão essas três regiões do



Brasil que veremos Nava explorar, com maior destaque para Minas Gerais e Rio de Janeiro. Seus livros de memórias, contando com mais de 2500 páginas, descrevem um panorama do Brasil que se inicia a partir do século XVIII e vai até meados do século XX. Esse panorama do Brasil é uma das qualidades de sua obra, pois é através da busca por contar o particular, ou seja, a história de sua família e suas memórias, que Nava acaba efetuando também uma análise mais ampla do país aliando à sua qualidade narrativa também uma profunda pesquisa sobre a cultura brasileira, desde receitas culinárias, anedotas, canções populares, vestuário até a análise profunda do modo de ser dessas sociedades mineira e carioca ao longo de quase dois séculos. As características das memórias de Nava as fizeram ser comparadas às obras de grandes ensaístas brasileiros como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Hollanda <sup>1</sup>.

A obra de Nava, lançada e se pretendendo dentro do gênero das memórias, também suporta, segundo Arrigucci, a categorização de ensaio, tendo em vista seu amplo alcance ao abarcar o geral através da procura por falar do particular. Característica que advém do modernismo e do não reconhecimento de fronteiras entre os gêneros, os escritos de Nava, tanto pela pesquisa que ele empreende na busca por dar forma ao seu passado, quanto em suas reflexões sobre a passagem do tempo e as formas de representá-lo, são fonte de leitura para a análise da própria experiência de tempo de seu autor. Tal característica, mais uma vez, expande as possibilidades de leitura de sua obra ao se mostrar útil para a construção de reflexões que são do interesse também da área da história.

Pedro Nava nasceu junto com o século XX, no ano de 1903 e faleceu pouco antes do fim do século, em 1984. Século chamado por Hobsbawm de uma era de extremos, é interessante acompanhar as histórias de vida de Nava, contadas através de suas memórias, paralelamente à do próprio século em que o autor viveu, sendo assim, é na junção entre o particular das memórias e do geral da história, plano de fundo da vida de Nava, que pretendemos analisar a forma de experienciar o tempo de seu autor. Segundo Svetlana Boym, o século XX se inaugura como uma utopia futurista e termina dominado pela nostalgia<sup>2</sup>. E Nava, assim como seu século, pensava em utopias futuristas em sua

---

<sup>1</sup> ARRIGUCCI JR, Davi. **MóBILE da memória**. Enigma e comentário. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1987.

<sup>2</sup> BOYM, Svetlana. **Mal-estar na nostalgia**. História da historiografia, Ouro Preto, n. 23, p. 153, abril de 2017.

juventude participando ativamente do movimento modernista brasileiro e seu vanguardismo para, no final do século, se fechar em seu escritório e ir em busca do tempo perdido, em busca do retorno ao lar. Se a busca de Nava pode ser vista como a mesma busca que o fim do século XX vai empreender, ou seja, a busca nostálgica pelo passado, é porque o longo século XX experimentou mudanças radicais na forma de experienciar o tempo. Seja através do imperativo da produção, que atrela o tempo dos indivíduos ao do trabalho, seja pelas mudanças tecnológicas que nos afastaram cada vez mais daquele espaço de experiência<sup>3</sup> que herdávamos do passado ou, de outro modo, seja pelos eventos traumáticos do século que transformaram o futuro, nosso horizonte de expectativa, em algo a ser temido. Ou seja, a busca nostálgica pelo passado é uma tentativa de reconciliação com um tempo fragmentado, que perdeu seus lastros.

Ao longo de seus livros, contamos com inúmeros momentos em que a narrativa do passado é suspensa para que seu autor coloque reflexões sobre a escrita e representação do passado ou apenas venha para o tempo presente de sua escrita para, traçando paralelos entre o presente e o passado, melhor ilustrar algum argumento. O texto de Nava frequentemente faz esse jogo de idas e vindas no tempo em que diversas camadas vão se sobrepondo: o presente da escrita, o passado que se narra, o passado mais-que-perfeito que surge abrindo parênteses em tema pretérito por sua vez evocado por estímulo do presente e vice-versa. Enfim, a narrativa de Nava vai se deixando levar pelo fluxo das recordações em camadas distintas que se sobrepõem e confundem. Porém, é no volume cinco de seus livros, intitulado *Galo das Trevas*, que o autor irá subverter de modo mais radical sua forma. Nas demais partes que compõem sua obra, embora presente e passado sempre se alternem, o passado impera e o presente surge apenas para comentário pontual. No primeiro capítulo de *Galo das trevas*, intitulado *Jardim da Glória à beira-mar plantado*<sup>4</sup>, isso se inverte. Nava se coloca no presente andando pelas ruas de seu bairro ou por sua casa observando e apontando os locais que o remetem ao passado. É nesse momento de suspensão que o autor irá refletir sobre o tempo, sobre o olhar para o passado, sobre sua saudade. Não em vão o capítulo se apresenta sozinho entre as partes do livro. O capítulo *Jardim da Glória à beira-mar plantado*, serve como transição de um narrador em primeira pessoa para um narrador em terceira pessoa. Enxergando-se sob suspeita pela

---

<sup>3</sup> KOSELLECK, Reinhart. **Espaço de experiência e horizonte de expectativa: duas categorias históricas**. Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, 2015, pp. 305–328.

<sup>4</sup> NAVA, Pedro. **Galo das Trevas**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014.

proximidade entre os fatos narrados e o tempo presente, Nava opta por assumir um alter ego e passa a narrar suas lembranças de forma distanciada porque a proximidade do presente nas suas memórias o colocava ainda mais sob suspeição. Nas palavras de Nava:

Ao passar as memórias da primeira para a terceira pessoa, pretendi que o personagem funcionasse como meu alter ego, mas no sentido de me resguardar. O objetivo do recurso era me disfarçar e me esconder como autor. Acabei não resistindo e assumo de uma vez a personalidade de Egon Barros da Cunha.<sup>5</sup>

Ou seja, é na proximidade com o presente que Nava escolhe ficcionalizar ainda mais a sua narrativa fazendo uso de mecanismos do gênero romance para seu texto. O nome Egon Barros da Cunha assumido pelo autor é o nome de seu primo e a partir do capítulo dois do volume cinco de suas memórias a narração toma forma romanceada e os locais geográficos e personagens sofrem alterações. A cidade de Belo Horizonte passa a ser a cidade do Desterro, também em Minas Gerais. A mãe e os irmãos de Nava são tia e primos e o personagem Pedro, quando aparece, é sempre a distância, coadjuvante.

Mas é esse momento entre as transições estilísticas na forma narrativa de Nava que este trabalho de conclusão irá usar como fonte para tentar enxergar a sua experiência de tempo. No capítulo *Jardim da Glória à beira-mar plantado*, Nava irá apresentar seu método de busca do passado e suas técnicas mnemônicas para o exercício da recordação. É flinando pelo bairro da Glória na cidade do Rio de Janeiro que Nava enumera os espaços físicos que servem como gatilhos para sua memória. Seu bairro nos é mostrado através de dois pontos de vista: o espacial e o sentimental. No primeiro, o tempo presente com suas camadas compostas no contraste entre edificações antigas e as novas edificações sobrepondo-se às antigas. No segundo ponto de vista, o sentimental, a dor desse contraste e o ritmo dessa mudança são os principais momentos em que o autor recorda seu passado através da comparação. É no antes aquilo, agora isso, que tentaremos enxergar como seu autor demonstra uma experiência de tempo marcada por uma sobreposição de agoras, como um *palimpsesto* (ou melhor, como um *pentimento*, conforme veremos no primeiro capítulo deste trabalho) em que o tempo não é vazio e homogêneo, mas sim carregado de camadas que o olhar atento do autor aponta e nos leva com ele a ver. Olhando para o presente, Nava é todo queixas em relação à velocidade e voracidade com que se destrói seus locais de memória para construção de novas edificações. O tempo de Nava, marcado pela sobreposição de “agoras”, se vê cada vez mais estreitado pela diminuição de suas referências. Em uma cidade em que o novo vai tomando todo espaço, a ruína do lastro

---

<sup>5</sup> *Idem*. p. 10.

espacial das antigas edificações corrói também o lastro sentimental que auxiliava Nava na sua orientação no tempo. Portanto, pretendemos analisar, no plano particular do autor das *memórias*, a ruína e o estreitamento de sua experiência de tempo atrelada ao desmonte e reconstrução de sua cidade. Ao mesmo tempo, em um plano geral, ver a crítica de Nava como também válida para entender o irmão de berço do autor, o século XX e a nostalgia que toma conta da sociedade. Na tentativa de resgatar o seu tempo particular, Nava procura também compartilhar seu ponto de vista, transmitir uma experiência e narrar sua perspectiva como forma não só de compartilhar suas queixas, mas também como meio de deixar algum legado através de sua obra, ou seja, uma tentativa de construir algo sólido e que dure num contexto cada vez mais fugaz.

Em um segundo momento, o autor se vê flanando em seu apartamento, como um fantasma, durante suas noites de insônia. Se ao andar por seu bairro, ele só pode apontar o que ainda resta de sua Glória sentimental, em seu apartamento transformado em arquivo, Nava, em sua luta contra a dispersão, enumera objetos guardados como relíquias. O capítulo dois deste trabalho de conclusão é uma continuidade do roteiro sentimental do autor das *memórias*, porém os locais de recordação de Nava mudam de perspectiva. Enquanto ao flunar pelo seu bairro os locais de recordação são mais explícitos em sua relação com o passado, ou seja, foram personagens contemporâneos de Nava e que o acompanharam ao longo do tempo, no capítulo dois a relação de Nava com seus espaços de recordação é diferente. Em uma chave mais radical do jogo entre recordar e esquecer, Nava enumera vários objetos de seu apartamento que têm funções duplas. Ora objetos de uso comum em uma casa, ora gatilhos para sua recordação, esses itens colecionados por Nava costumam assombrá-lo em suas noites de insônia e para o autor o caráter sempre surpreendente do assomo do passado nesses objetos transforma eles em itens mágicos de sua *memoriabilia* particular. O caráter duplo desses objetos também se manifesta em outro espaço para a recordação de Nava. Seu corpo é também arquivo do autor e seu conhecimento de anatomia humana faz com que ele seja um leitor atento tanto dos vestígios do seu passado em seu corpo quanto dos sinais próximos de sua morte. Em uma relação parecida com a que ele tem com os edifícios de seu bairro, seu corpo, ao mesmo tempo que se arruína, também aponta um assombroso vestígio do passado ao recordar um parente na carga genética que vai se desvelando.

Portanto, é no caráter duplo das ruínas e vestígios apontados por Nava que podemos melhor analisar a forma com que o autor das *memórias* enxerga as camadas de

tempo que ele aponta. A nostalgia do autor frente às ruínas e vestígios em sua cidade ou em sua casa são ao mesmo tempo motivo de dor, ao apontar um fim, mas também de prazer, quando possibilitam um reencontro. Segundo Huyssen:

No desejo nostálgico, a temporalidade e a espacialidade estão necessariamente ligadas. A ruína arquitetônica é um exemplo da combinação indissolúvel de desejos espaciais e temporais que desencadeiam a nostalgia. No corpo da ruína, o passado está presente nos resíduos, mas ao mesmo tempo não está mais acessível, o que faz da ruína um desencadeante especialmente poderoso da nostalgia.<sup>6</sup>

O caráter duplo de presença e ausência nos resíduos que Nava aponta é motivo de dor e prazer para o autor. Nos seus objetos criteriosamente colecionados, no corpo da ruína e na ruína do corpo, o assombro do passado recupera o caráter duplo do passar do tempo como horror do escombros e glória do vestígio. O horror do escombros e a glória do vestígio que dão título a este trabalho de conclusão é frase retirada do livro *Visceras da memória* de Antônio Sérgio Bueno. Ao analisar a obra de Nava a partir de três eixos principais, o do espaço, do corpo e da figuração, Bueno nos auxilia na leitura da obra de Nava e sua experiência de tempo marcada por inúmeras camadas que são no espaço e na memória. Outra obra importante para as reflexões deste trabalho de conclusão é *Espaços da memória*: um estudo sobre Pedro Nava, de Joaquim Alves de Aguiar. Nela, seu autor estuda o processo de formação de Nava através da análise dos espaços narrados pelo autor das *Memórias*. Espaços experienciais como a casa, a escola, o trabalho e a rua. Além disso, temos também textos importantes para esta pesquisa que estão presentes nas reedições das obras de Nava lançadas pela editora Companhia das Letras. O posfácio de *Bau de ossos* com texto de Davi Arrigucci Jr., *Móbile da memória*, e as apresentações que constam em todos os volumes assinadas por André Botelho foram importantes ao contextualizar a obra de Nava e apresentar uma fortuna crítica para refletir sobre os temas presentes nas *Memórias*.

Outros três livros também foram base para as reflexões que aqui pretendemos fazer. Para pensar os espaços da recordação como agenciadores da memória, o livro da teórica alemã Aleida Assmann, *Espaços da recordação*: formas e transformações da memória cultural foi útil para pensar os meios e as metáforas para a memória. *O tempo e o cão*: a atualidade das depressões da psicanalista Maria Rita Kehl também foi importante para pensar as questões sobre tempo e temporalidades em fragmentação nas sociedades

---

<sup>6</sup> HUYSSSEN, Andreas. **A nostalgia das ruínas**. Culturas do Passado-Presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória. Rio de Janeiro: Contraponto/Museu de Arte do Rio de Janeiro, 2014. p. 91.

contemporâneas. Ao analisar a atualidade das depressões vinculadas a um imperativo da atenção plena ao presente, Kehl nos alerta sobre o esvaziamento da experiência temporal e sobre a importância das dimensões de passado e futuro na constituição da nossa consciência. Por fim, Svetlana Boym, com *El futuro de la nostalgia*, auxiliou a enxergar a nostalgia de Nava com seus locais como forma do autor se defender da fragmentação temporal tanto em seu contexto particular, as saudades de uma pessoa já no fim de sua vida, quanto no caráter coletivo da sociedade para a qual Nava buscava transmitir uma experiência através de seus relatos.

Portanto, é partindo do exercício de escrita memorialística de Pedro Nava e através de um capítulo específico em que seu autor deliberadamente nos dá a ver os seus métodos e espaços para a recordação, é que buscaremos responder à pergunta: como Pedro Nava constitui uma experiência de tempo marcada por uma sobreposição de agoras em que temos nas ruínas que ele aponta tanto uma perda como a possibilidade de um reencontro? Ao analisar tal problemática, objetivamos também investigar formas particulares de temporalidade para ampliar a compreensão sobre um tema sensível na atualidade, acurar o conhecimento referente aos meios e as metáforas que constituem nossa percepção do tempo e perceber os inúmeros agentes que atuam de forma ativa e passiva na constituição das temporalidades coletivas e, por fim, enxergar os livros de Pedro Nava como uma obra que transmite uma experiência e nos conduz a um uso prático do passado.

## Capítulo 1: Roteiro sentimental

### 1.1 Sobre um prazer refinado: Nava *Flanêur*

*...tentando fazer um guia do Velho Rio diluído,  
dispersado e oculto pelo Rio moderno*<sup>7</sup>

Em uma cidade tomada pelo frenético rodar dos carros, das buzinas, semáforos e pessoas que se apressam, atentas apenas ao império da produção e do tempo presente, ele vagueia e se recorda de uma cidade existente apenas em sua memória e em alguns vestígios que por acaso ainda resistem e alimentam seus devaneios. Durante o início do capítulo primeiro do quinto volume de suas memórias, capítulo intitulado *Jardim da Glória à beira-mar plantado*, seremos guiados pelo autor a um passeio pelo bairro da Glória real e material, mas também pelo bairro da Glória onírico, do passado e da lembrança do autor. O olhar atento, a erudição e a memória formam a tríade necessária à tentativa de reconstrução da cidade e bairro sentimentais, conforme já no início nos alerta o autor.

Flanar nas ruas do Rio é prazer refinado. Exige amor e conhecimento. Não apenas o conhecimento local e o das conexões urbanas. É preciso um gênero de erudição. É preciso saber colocar os pés nos locais de Matacavalos onde pisou Osório, na calçada de São Clemente onde andou Tamandaré, nesta Glória onde perpassou o vulto de Capitu – na geografia citadina real e imaginária, no Rio velho de Manuel Antônio de Almeida, Alencar, Macedo, Artur e Aluísio, irmãos Azevedo; de Lima Barreto, João do Rio, Marques Rebelo, Drummond.<sup>8</sup>

O autor vai distribuindo lembranças com personagens reais e imaginários nos lugares por onde passa através do exercício da memória e da imaginação. As ruas do Rio de Janeiro, assim, vão sendo habitadas por figuras que se tornaram lendárias na cidade como a de seu amigo Carlos Drummond de Andrade, do romancista Joaquim Manuel de Macedo, da personagem de Machado de Assis, Capitu e da rua por onde ela passava, rua onde residia, quando jovem, Bento de Albuquerque Santiago, vulgo Bentinho, vulgo Dom Casmurro, que tentava, em um exercício nostálgico igual ao de Pedro Nava, “reproduzir no Engenho Novo a casa em que me criei na antiga rua de Matacavalos, dando-lhe o mesmo aspecto e economia daquela outra, que desapareceu”<sup>9</sup>, a antiga rua de Matacavalos por “onde pisou Osório”, hoje rua do Riachuelo, no bairro do Centro. Dessa forma, vemos

---

<sup>7</sup> NAVA, Pedro. **Galo das Trevas**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014, p. 52.

<sup>8</sup> *Ibidem*. p. 35.

<sup>9</sup> ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo, SP: Editora Globo, 2008, p. 6.

que a rua é habitada não apenas por personagens reais, mas também pelos personagens fictícios consagrados no imaginário nacional. Os lugares pelos quais Nava anda evocam sua memória de morador há mais de 50 anos da região, mas não só. Tais lugares também tem em si uma memória que é a herdada pelas leituras, pela erudição. Que povoam tais locais com a densidade histórica que as leituras de romances, crônicas e poesias nos dão, pois a experiência do poeta, do romancista, passa a ser nossa experiência, os lugares e cenários das obras passam também a estar nos leitores. É dessa forma que podemos, por exemplo, sentir saudade do Rio de Janeiro habitado por Capitu no final do século XIX.

Sigamos com as considerações iniciais de Pedro Nava sobre o exercício de olhar as ruas e os espaços com a atenção e conhecimento necessários à percepção das diferentes camadas que são no tempo, no espaço, na imaginação.

É preciso saber corrigir os homens sem imaginação. Isto aqui, este espaço todo é a Fundação Getúlio Vargas. Não, senhor! Aqui era a casa do barão de Itambi, quando vizinho do dr. Torres Homem e mais para adiante a já derrubada onde Bidu Sayão aprendeu a cantar. Aqui é a avenida Brasil. Também não. Aqui era o porto onde encostava a lancha de Oswaldo Cruz vindo para a Fazenda de Manguinhos. Mas aqui é a Igrejinha, adiante dela a praça de Santa Edwiges que dá na avenida Brasil. Sempre não. Só vejo mar praia de São Cristóvão e a ponte donde Rocca e Carleto saíram no *Fê-em-Deus* levando o menino Fuoco para lá de todas as águas...<sup>10</sup>

A Fundação Getúlio Vargas na verdade é a casa do barão de Itambi, vizinho do dr. Torres Homem, ambos residindo próximos à casa onde Bidu Sayão (1903-1999), famosa intérprete lírica brasileira, aprendeu a cantar. A avenida Brasil na verdade é o porto que lá existia antes dos aterros feitos sobre a orla da Baía de Guanabara, inaugurada em 1946. E o que para alguns é igreja e praça que dão para avenida, para Pedro Nava é “mar praia de São Cristóvão” cenário em que se passa o curta metragem ficcional de 1908 intitulado *Os estranguladores do Rio*, história de contrabandistas, roubos e assassinatos que tem o Rio de Janeiro do início do século XX como cenário. Todas essas informações e camadas de história que se escondem nos lugares são apenas sugeridas pelo autor das *Memórias*. Ele não chega a explicar suas referências, apenas deixa em aberto, para seus leitores, a possibilidade do saber. Lugares banais da cidade vão ganhando contornos e profundidades no tempo e vão sendo desvendados através do olhar atento do narrador e de seu apontar de dedo, indicando. Ler seus livros é se deixar levar pelo fluxo de memórias que Nava evoca, mas também exige disposição para pesquisar cada uma de suas referências para então poder acompanhá-lo durante o percurso pela Glória

---

<sup>10</sup> NAVA, Pedro. **Galo das Trevas**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014, p. 35.



sentimental que ele narra. Tais informações são detalhes (desimportantes “para os homens sem imaginação”) que exigem pesquisa, conforme Nava assevera:

Para saber essas coisas é preciso ler muito, prestar atenção às conversas, perder dias inteiros indo verificar um número de casa, ou conseguir a façanha de consultar uma coleção de jornais na Biblioteca Nacional. (...) É preciso paciência e amor. O conhecimento puramente local do Rio eu o aprendi numa grande escola: o serviço de ambulâncias do velho Hospital de Pronto-Socorro. Dizem que quem mais entende de nossa cidade são os choferes de táxi e os médicos da Assistência, Pertenci ao grupo... E sei descobrir os segredos – a polpa de nossas ruas.<sup>11</sup>

Importante que aliemos às explicações iniciais sobre seu próprio método e forma de se encontrar com o passado durante caminhadas e observações ao conceito do *flanêur*, pois as reminiscências de Nava recordam o andar do *flanêur* descrito na obra de Walter Benjamin, em que

com a aproximação de seus passos, o lugar já começa a se animar. Ele está diante da Nortre-Dame de Lorette, e suas solas recordam: este é o lugar onde outrora o cavalo suplementar – o *cheval de renfort* – se atrelava ao ônibus que subia a Rue des Martyrs até Montmartre.<sup>12</sup>

Nava é um *flanêur*, e como tal tem vasto conhecimento sobre cada canto da sua cidade e do seu bairro, que é o bairro da Glória. João do Rio, cronista da cidade no início do século traz uma conceituação do que seria o *flanêur* e seu exercício pela cidade.

Flanar! Aí está um verbo sem entrada nos dicionários, que não pertence a nenhuma língua! Que significa flanar? Flanar é ser vagabundo e refletir, é ser basbaque e comentar, ter o vírus da observação ligado ao da vadiagem. Flanar é ir por aí, de manhã, de dia, à noite, meter-se nas rodas da população, admirar o menino na gaitinha ali à esquina (...); é estar sem fazer nada e achar absolutamente necessário ir até um sítio lóbrego, para deixar de lá ir, levado pela primeira impressão, por um dito que faz sorrir, um perfil que interessa, um par jovem cujo riso de amor causa inveja...<sup>13</sup>

O flanar de João do Rio está, no caso de suas crônicas, amplamente vinculado ao presente do seu observador. João do Rio observa e analisa como um sociólogo da cidade, ainda assim, sua preocupação está mais em mostrar do que em explicar, deste modo, seu andar é despreocupado, fruindo a cidade, como o mesmo observa: “É vagabundagem? Talvez. Flanar é a distinção de perambular com inteligência. Nada como o inútil para ser artístico. Daí o desocupado *flâneur* ter sempre na mente dez mil coisas necessárias, imprescindíveis, que podem ficar eternamente adiadas”<sup>14</sup>. Prática que tem seu registro

---

<sup>11</sup> NAVA, Pedro. **Galo das Trevas**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014, pp. 35, 36.

<sup>12</sup> BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2006, p. 461.

<sup>13</sup> RIO, João do. **A alma encantadora das ruas: crônicas**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2008, pp. 50, 51.

<sup>14</sup> *Idem*.

mais conhecido na figura de Baudelaire e Edgar Allan Poe, o *flanêur* é sempre vinculado à figura do burguês, que, tendo condições financeiras que possibilitam o tempo livre, consegue observar o novo ambiente que surgia, por exemplo, nas cidades de Londres e Paris.

O *flanêur* aparece como a figura de um burguês que tem o tempo a sua disposição e que pode dar-se ao luxo de desperdiçá-lo, para horror da sociedade capitalista de sua época. O *flanêur* é um burguês que leva uma vida sem objetivos definidos a não ser buscar no complexo urbano rusgas, vãos, becos por onde entrar em busca de algum espetáculo para os seus olhos sobre pernas.<sup>15</sup>

A ideia de *flanêur* trazida por João do Rio serve para ilustrar o flunar de Pedro Nava, mas há diferenças sensíveis entre um e outro. Durante o percurso que o autor irá traçar e narrar aos seus leitores, o espaço do tempo presente é coadjuvante e sua concretude serve apenas como contraponto à visão do passado do autor. Nava flana, observa e analisa, mas o presente das ruas serve apenas para contrapor ao passado daqueles mesmos lugares, como o mesmo diz: “E quando? os passeios de rua nos devolvem de repente nossos mortos – que nem sessão espírita. Pensando neles não. Andando despreocupado entre um endereço comercial de casa e outra. Apreçando”.<sup>16</sup> Em seu texto, pouco vemos das pessoas presentes nos lugares que ele visita. Ou seja, seu passeio pelo bairro da Glória é no passado e se o presente surge como objeto de sua análise, é apenas para fazer contraponto lamentoso em relação ao passado que ele evoca e reclama. Há uma diferença entre João do Rio e Pedro Nava, o primeiro está vinculado ao presente, já o segundo é todo passado, seus passeios também mostram e ilustram, como João do Rio, mas Nava explicita o passado. O olhar que Nava deita sobre os lugares das ruas que percorre durante seu percurso de *flanêur* são lugares que há décadas ele habita e o habitam e é no exercício de andar pela rua que a sua memória vai evocando as memórias do passado pois

a rua conduz o *flanêur* em direção a um tempo que desapareceu. Para ele, qualquer rua é íngreme. Ela vai descendo (...) rumo a um passado que pode ser tão mais enfeitiçante por não ser seu próprio passado, seu passado particular. Entretanto, este permanece sempre o tempo de uma infância. (...) No asfalto sobre o qual caminha, seus passos despertam uma surpreendente ressonância. A iluminação a gás que recai sobre o calçamento lança uma luz ambígua sobre este duplo chão.<sup>17</sup>

---

<sup>15</sup> MASSAGLI, Sérgio Roberto. **Da cidade moderna à megalópole pós-moderna: novos lugares, novas práticas espaciais e textuais.** In: Terra roxa e outras terras - Revista de estudos literários, Londrina, v. 12, p. 57, junho de 2008.

<sup>16</sup> NAVA, Pedro. **Galo das Trevas.** São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014, p. 39.

<sup>17</sup> BENJAMIN, Walter. **Passagens.** Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2006, pp. 461, 462.

Tal observação de Benjamin vai ao encontro do tipo de flanêur que é Nava. As suas caminhadas mostram diferentes camadas de tempo e seus percursos são em direção ao passado, descendo as ladeiras da memória o presente serve apenas para salientar a distância já percorrida.

E o que é? o Rio para mim. São aquelas quatro paisagens que encheram minha infância e alcores da adolescência e que têm cor azul-escuro noturno, ouro rosazul e prata dos seus dias gradis; som de ondas batendo, notas argentinas de vareta raspada contra serralheria e as sete da escala do siringe de tantos tubos dos doceiros passando. E seu velho perfume de frutas, flores, folha, madeiras, resinas dos jardins suburbanos, da subida da Tijuca, das chácaras de São Clemente, das maresias da baía e dos ares salgados de Copacabana. A permanência dessa vida passada que me entrou pelos olhos ouvidos narizes é que ponho nesta minha Glória para onde me mudei com o casamento, a 28 de junho de 1943. Antes eu tinha morado em Copacabana, Tijuca, Ipanema, Urca e Laranjeiras. Sempre pondo nesses bairros minhas impressões meninas. As que trouxe para a Glória e que acompanham meus passeios a pé nas suas ruas<sup>18</sup>.

E é pensando nesse distanciamento entre o presente e o passado que as reflexões de Nava se fundam. Evocando sua experiência de morador há mais de 45 anos do Rio de Janeiro que o autor compartilha com seus leitores suas experiências, mas também suas dúvidas sobre qual cidade ele enxerga, qual é a real, se a cidade que sua memória evoca através do seu olhar nostálgico ou se é a cidade concreta que, a despeito de seus afetos, insiste em se modificar de forma violenta, sem respeito à memória que a habita.

E essa esquina? essa fachada? – que são várias esquinas fazendo de conta segundo chova ou faça sol, seja dia, noite, primavera verão outono inverno. Qual a autêntica? Não são só estações e meteoros que truncam o caráter das ruas. Basta o Trânsito inverter a mão, uma escavação se eternizar, o tráfego ser drenado por via recém-aberta, alteração de ida e vinda de veículos ao talante das empresas de ônibus e tudo muda: interesses, gênero de comércio, qualidade de transeuntes – nas ruas de muitas faces. Estou dando uns poucos exemplos... Continuar nesse caminho seria escrever um *Guia dos devaneios nas ruas do Rio de Janeiro a dezembro* por um seu passeante há quarenta e cinco anos. E é com esta experiência que eu entro na Glória..<sup>19</sup>.

---

<sup>18</sup> NAVA, Pedro. **Galo das Trevas**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014, pp. 34, 35.

<sup>19</sup> NAVA, Pedro. **Galo das Trevas**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014, pp. 39, 40.

## 1.2 Corpo da ruína: a contemplação do insignificante

Após os primeiros apontamentos e divagações do autor sobre a forma com que o mesmo observa a cidade e como ela é por ele experienciada, Nava restringe seu objeto não mais à cidade do Rio de Janeiro em geral, mas agora apenas ao bairro em que mora. Entrando no bairro da Glória, agora passamos ao exercício de caminhar por suas ruas acompanhados por Nava. Conforme o autor aponta, o bairro da Glória que ele irá narrar não está dentro dos limites da circunscrição administrativa, mas sim na Glória que o próprio autor traçou, sua Glória sentimental. Portanto, mesmo quando narra a Glória concreta de seu presente enquanto passeia, ainda assim o bairro fica dentro de uma espacialidade toda do autor. Isso porque

a descrição de uma cidade por um dos seus habitantes tem outras motivações, mais profundas. Motivações de quem viaja para o passado, e não para lugares distantes. O livro de uma cidade escrito por um dos seus naturais terá sempre afinidades com as memórias, porque não foi em vão que o autor passou a infância nesse lugar.<sup>20</sup>

É a partir do momento em que Nava adentra no *seu* bairro da Glória que poderemos ler através das palavras do autor as camadas de tempo que o espaço físico do bairro evoca. É conforme vai caminhando por seu bairro, que Nava enxerga as mudanças ocorridas, as transições e modificações do seu bairro. Essa forma de enxergar as camadas temporais de um espaço físico encontra no termo *pentimento*, conceito retirado da pintura, uma definição precisa e que se ajusta bem à figura de Nava pelo certo reconhecimento que o autor teve, além do de poeta bissexto, também como pintor. Pedro Nava dominava com maestria técnicas de pintura, sendo, quando jovem, bastante elogiado e incentivado por seu amigo e tutor intelectual da juventude mineira modernista, Mario de Andrade. Portanto, conforme já utilizado por Antônio Sérgio Bueno em seu livro sobre a obra de Pedro Nava, intitulado *Visceras da memória: uma leitura da obra de Pedro Nava*, o conceito de *pentimento* para ilustrar as camadas de tempo que o exercício da memória nos dá a ver enquadra-se bem no modo de olhar de Pedro Nava. Conforme descrito por Hellman:

À medida que o tempo passa, a tinta velha em uma tela muitas vezes se torna transparente. Quando isso acontece, é possível ver, em alguns quadros, as linhas originais: através de um vestido de mulher surge uma árvore, uma criança dá lugar a um cachorro e um grande barco não está mais em mar aberto. Isso se chama *Pentimento*, porque o pintor se arrependeu, mudou de ideia.

---

<sup>20</sup> BENJAMIN, Walter. **Baudelaire e a modernidade**. Belo Horizonte, MG: Grupo Autêntica, 2017, p. 205.

Talvez se pudesse dizer que a antiga concepção, substituída por uma imagem ulterior, é uma forma de ver, e ver de novo, mais tarde.<sup>21</sup>

Utilizado por Bueno, tal conceito carrega em si uma carga dramática que tem uma relação estreita com a própria dramaticidade de Nava. *Pentimento*, em italiano, significa arrependimento, sofrimento, e se ajusta bem ao tom da narrativa de Nava ao longo de toda a sua obra, mas principalmente no capítulo objeto deste trabalho. Isso porque todas as camadas que o memorialista enxerga ao andar por seu bairro estão relacionadas à dor da perda. A deterioração da cidade e dos lugares de memória do autor são o pano de fundo das evocações do passado que ele narra. Além da intenção de nos dar a ver o passado de sua cidade, o autor das memórias compõem uma narrativa elegíaca em que se vê a ruína da cidade em relação as camadas de tempo que ela evoca, mas que agora estão deixando de existir. Conforme Bueno,

o conceito de *pentimento*, aplicado ao texto de Nava, é mais eficaz que o de *palimpsesto* porque traz em si uma carga moral (arrependimento, sofrimento) que este não tem. O memorialista não aceita as mutações operadas pelo tempo e por baixo das ruínas reconhece antigas paisagens.<sup>22</sup>

Este “não aceitar” as mudanças e o “reconhecer antigas paisagens” comporão o tom principal da parte do capítulo em que Nava anda pelas ruas de seu bairro. Sempre no contraste entre o que é seu bairro no tempo presente da escrita das memórias e o que o bairro foi, Nava irá acusar essa diferença não apenas como uma mudança natural, mas também como um projeto e um descaso dos governantes com a preservação de lugares que contam a história da cidade e também a do autor das memórias. Dessa forma, vemos na citação abaixo exemplo das camadas, *pentimentos*, que Nava evoca e também o seu lamento pela destruição desses lugares.

Guardo a lembrança da velha Glória que conheci menino, indo a Copacabana com minha família paterna – para piqueniques diante dos vastos mares. Isto seria 1909 ou 1910... Revi depois a Glória dos meus tempos do Pedro II e mais tarde, a dos 30, quando vinha visitar tia Eugênia Ennes, viúva, na Pensão Suíça. Todas as Glórias desses anos mantiveram-se imutáveis até 1935. Daí para diante começou sua transformação, acelerada nos anos 40 e 50, tornada vertiginosa dos 60 para cá. A substituição das casas de estilo português e depois francês está quase completa e, entre os arranha-céus que se levantam, só uma ou outra das antigas moradas insiste em continuar de pé para ser namorada pelos saudosistas. Assim preciso fazer um grande esforço de memória para rever o seu lindo jardim de canteiros curvos, suas aleias bem ensaiabradas, a estátua de Cabral na sua ponta, o coreto, o mar chegando até onde está a primeira via asfaltada depois de Augusto Severo.<sup>23</sup>

---

<sup>21</sup> HELLMAN, Lillian. *Pentimento*. Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves, 1981, p. 1

<sup>22</sup> BUENO, Antônio Sérgio. *Vísceras da memória*: Uma leitura da obra de Pedro Nava. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 1997, p. 22.

<sup>23</sup> NAVA, Pedro. *Galo das Trevas*. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014, pp. 40, 41.

Adentrando em seu bairro, a primeira parte de seu trajeto como flâneur segue sempre o mesmo itinerário, como nos aponta Nava. O trajeto inicia-se da frente de seu edifício, na rua da Glória e é este trajeto que, para o autor, representa a Glória imaginária

A glória imaginária de hoje não corresponde à antiga freguesia que foi se encolhendo até as duas ilhas separadas pela invasão do gênero Catete numa grande parte do nosso antigo largo. A primeira delas é circunscrita por Cândido Mendes até Hermenegildo de Barros, por esta até seu encontro com Visconde de Paranaguá, por Taylor em toda sua extensão, pelo pedacinho da rua da Lapa que está entre a última e a rua da Glória e por esta, novamente, até Cândido Mendes. A superfície assim separada contém as escadinhas, a parte baixa de Visconde de Paranaguá e um bom pedaço da Conde de Lages – entre Taylor e a própria Glória. Os olhos incorporam a ela a amurada sobre Augusto Severo, o relógio sempre desregulado, os jardins até o mar – empurrado e cada dia mais distante. A outra ilha nem chega a sê-lo. É restinga constituída pela ladeira de Nossa Senhora, pela praça de Nossa Senhora da Glória (onde floresce sua linda igreja), pela ladeira da Glória.<sup>24</sup>

A primeira parte dessa primeira ilha imaginária que compõe o bairro da Glória de Nava é o percurso que o autor irá andar. Saindo de seu apartamento, na rua da Glória número 190, Nava irá seguir um trajeto que descreve um movimento quase de ziguezague, mas que, ao final do trajeto, o levará de volta ao seu ponto de partida, ou seja, seu edifício. A ideia de caminhar em ziguezague ilustra bem a forma de escrita de Pedro Nava que ao longo de suas narrativas faz um exercício de idas e vindas entre o tempo passado e o presente da escrita de suas memórias. Essas idas e vindas no tempo estão amparadas e só são possíveis graças aos diversos locais de recordação que servem como repositórios das reminiscências do autor.<sup>25</sup> Esses locais são pontos físicos na cidade e também objetos que o autor guarda em seu apartamento e que executam a função de gatilhos para sua memória e evocação do passado, como uma espécie de *madeleine*.

Meus passeios a pé pelo bairro seguem sempre os mesmos itinerários. Saio do meu 190 para a direita, transponho fachadas de arranha-céus. Na esquina, onde havia aquele café das madrugadas, existe hoje uma lanchonete. Virando à direita, começo a subir Cândido Mendes que gosto de chamar de D. Luísa. Essa dona que deu seu nome era a mulher de Joaquim Clemente da Silva Couto, nos terrenos de cuja chácara abriu-se o logradouro, em 1845.<sup>26</sup>

Neste momento do texto, iremos acompanhar com Nava alguns desses locais que compõem a fisionomia da arquitetura carioca na época em que o autor por lá passeava. Veremos o quanto os resquícios de um Rio de Janeiro antigo, resquícios esses representados por sobrados antigos, um chafariz, certo corte de rua, etc., servem como

---

<sup>24</sup> *Idem*.

<sup>25</sup> AGUIAR, Joaquim Alves de. **Espaços da memória**: Um estudo sobre Pedro Nava. São Paulo, SP: Edusp, 1998.

<sup>26</sup> NAVA, Pedro. **Galo das Trevas**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014, p. 42.

repositórios da memória do autor. Escrito entre 1978 e 1980, portanto época aproximada em que Nava caminhava e tomava notas para a escrita do volume cinco de suas memórias, o Rio de Janeiro dessa época contava com mais edificações antigas do que no momento atual. Com isso, se Nava irá apontar os locais antigos que servem de amparo para o suspiro saudoso de suas lembranças do passado, também servem como alerta para todo um Rio de Janeiro que estava e está sumindo. Isso tudo fica claro nas intercalações entre o recordar do autor e sua queixa com a perda e a modificação da maior parte da fisionomia da cidade que ele conheceu.

Enquanto percorre os caminhos da primeira parte de sua Glória imaginária, o autor irá, com olhar atento e erudição, desvelando, como um arqueólogo, pedaços e vestígios de uma cidade em grande parte soterrada pela pressa da especulação imobiliária. A preservação desses espaços representam a preservação do próprio autor que vê no derruir deles a própria fragmentação de sua identidade.

Outra parada obrigatória é a esquina de D. Luísa com Hermenegildo de Barros que seguindo meu saudosismo gosto também de chamar rua do Chefe de Divisão Salgado. Numa das esquinas desse encontro e em terrenos ao lado, a demolição de duas antigas casas. Pela metragem quadrada dos lotes desnudados tem-se ideia do monstro que vai levantar-se no local.<sup>27</sup>

Como uma parte de si, seu corpo e o corpo da cidade compõem uma unidade no tempo e no espaço, por isso que

a procura do passado, na paisagem, é também uma procura de si mesmo, na medida em que o amante de certas ruas do Rio busca fazer retornar dois tempos: o da cidade e o seu. Interessava-lhe a preservação do centro lusitano, que aprendeu a amar com (seu tio) Antonio Sales, e o cenário *belle époque*, em que passara a adolescência. O Rio de Nava é, portanto o Rio de antes das demolições da especulação imobiliária; um Rio em prosa elegiaca, em páginas de saudade.<sup>28</sup>

A cidade como parte de si, como algo que é um apêndice do próprio corpo do autor ou que é tratada como um ente querido para o autor e que, a cada demolição, é como a perda de uma pessoa querida, companhia de vida que tinha seu lugar no quadro da memória e identidade de Nava. Subindo a rua Hermenegildo de Barros, Nava observa: “Minha alma se entristece com a reforma aviltante por que passou o velho 67... Assim vou visitando meus amigos dessa subida”<sup>29</sup>. Cada demolição ou reforma, que mais destrói

---

<sup>27</sup> NAVA, Pedro. **Galo das Trevas**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014, p. 42.

<sup>28</sup> AGUIAR, Joaquim Alves de. **Espaços da memória**: Um estudo sobre Pedro Nava. São Paulo, SP: Edusp, 1998, pp. 159, 160.

<sup>29</sup> NAVA, Pedro. **Galo das Trevas**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014, p. 43.

as características originais da edificação do que as conservam, é encarada pelo autor como amputação ou morte de amigo:

Outro suplício a que assisti, lento como morte por empalamento, foi a execução do inocente Palácio Monroe. Não seria uma obra-prima da arquitetura. Longe disso. Não deviam tê-lo construído assim tão enfeitado, vá lá. A questão é que ele existiu e o Tempo se encarregou de inseri-lo na paisagem daquele fim de avenida, tão agudamente que até hoje quem passa naquele espaço sem explicação tem a impressão aflitiva de olhar cara sem nariz (nariz mesmo feio é insubstituível). Ficou um descampado feito para nada e, a meu ver, podemos acabar de cerimônias e instalar logo ali o estacionamento de automóveis que é inevitável.<sup>30</sup>

É com o mesmo tom de perda que Nava narra tanto a morte de amigos como a de locais físicos em que sua memória se ampara. Cada uma dessas perdas sugerem no autor o esfacelamento da possibilidade de encontro com um passado e um encontro consigo mesmo. Cada amputação no corpo da cidade, cada morte de amigo é como um pedaço do autor que se perde, um espaço mais restrito para a manifestação de sua identidade tão amparada, como é natural, numa relação com o outro. E tais perdas salientam ainda mais o desaparecimento do próprio autor, antecipando aos poucos e de forma dolorosa, “como morte por empalamento”, a proximidade de seu desaparecimento total:

Quando o narrador se vê diante de uma demolição, sua memória se converte em *memento mori* porque a paisagem depredada representa uma corrosão na imagem de sua cidade, lembrando-lhe sua própria condição mortal. (...) Com o topocídio morrem, também, os investimentos de vida projetados sobre o lugar desaparecido e a leitura da paisagem se altera radicalmente.<sup>31</sup>

Outro trecho de Nava, este do sexto volume das memórias, *O Círio Perfeito*, complementa bem essa relação dolorosa entre os locais de memória do autor e suas demolições que aqui queremos demonstrar.

Uma demolição, o aterro que fez a nova praia de Copacabana – suprimem assim milhares de coisas, interrompem e bloqueiam a memória. Há desse jeito um momento de guardar certos ambientes nos seus ínfimos detalhes – todos importantes porque qualquer unzinho deles poderá disparar num futuro obscuro o gatilho da recordação. Se tudo é suprimido, jamais dar-se-á o encontro do lembrador com o fragmento que desencadeia a lembrança. Quem suprimiu qualquer detalhe ou qualquer todo inutiliza não apenas sua figuração material mas esse gatilho de que falamos e que faz detonar um mundo renascendo. Pratica (o que suprimiu) uma espécie de assassinato... Ah! se soubessem disto os Senhores Imprefeitos da Cidade do Rio de Janeiro<sup>32</sup>.

---

<sup>30</sup> *Ibidem*, p. 38.

<sup>31</sup> BUENO, Antônio Sérgio. **Vísceras da memória**: Uma leitura da obra de Pedro Nava. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 1997, p. 42.

<sup>32</sup> NAVA, Pedro. **O círio perfeito**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1983, p. 293.



E é durante suas caminhadas que ele procura, nos vestígios que ainda restam, pedaços e trechos de um mundo que é o seu. Suas caminhadas são profundamente nostálgicas, carregadas da sensação de perda e inevitabilidade da passagem do tempo, mas também de revolta pelo descaso com a memória da cidade:

vale dizer alguma coisa sobre a maneira como são tratadas nossas construções pelos que a reformam. Uns querem modernizá-las e suprimem toda fantasia, enfeite belle époque que salientava-se nas fachadas e florescia em torno às janelas e portas. (...) Mais valia derrubar a residência antiga que desfigurá-la desse jeito. Outros pensam que respeitam o tradicional querendo melhorá-lo e acrescentando à simplicidade primitiva das casas desornadas o excesso que lhes parece mais requintado.<sup>33</sup>

Essa sensibilidade aguda para as relações entre o espaço físico, como algo que desvela o passado e auxilia na recuperação do mesmo, que é, para o autor, como amigo de vida e de envelhecimento, um edifício ou uma rua como uma entidade subjetiva que traçou junto com o autor um percurso no tempo, enfim, essa sensibilidade que Nava tem para a importância dos locais como repositórios da memória faz com que suas caminhadas sejam também motivo de dor. Seguindo sua caminhada, ao chegar ao topo da rua Hermenegildo de Barros há um belvedere e “dele vê-se o mar, a ponta dos aterros onde está o aeroporto Santos Dummont e, mais próxima, a do que vem do Flamengo e onde começaram, recentemente, grande construção de cimento armado”<sup>34</sup>. A impessoalidade do cimento armado contrasta com a continuação de sua caminhada: “Depois da parada nestes altos visão ouro e azul, começa-se a descida. Duas opções. Taylor ou Visconde de Paranaguá. Ambas profundamente Rio velho e tão bairro da Glória que sempre hesito”<sup>35</sup>.

Aleida Assmann em seu livro *Espaços da recordação: formas e transformações da memória cultural* dedica a segunda parte de seu texto a estudar os meios pelos quais a memória cultural se inscreve e perpetua através do tempo. Na parte dedicada aos locais, a autora reflete sobre diferentes formas de se relacionar com os espaços e o quanto eles têm em si, ou não, uma memória subjetiva. A discussão sobre uma memória que parta do sujeito, ou seja, uma memória que se recorda dos locais ou uma que parta dos locais em si, que está incrustada em objetos exteriores e, de certa forma, inanimados, é interessante para fortalecer o argumento de Nava em relação ao profundo afeto que ele sente pelas edificações que são parte do cenário de sua vida. Assmann diz que a expressão “memória dos locais” (grifo meu) é sugestiva justamente pela carga de subjetividade que ela atribui

---

<sup>33</sup> NAVA, Pedro. **Galo das Trevas**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014, p. 44.

<sup>34</sup> *Idem*.

<sup>35</sup> *Idem*.

a objetos aparentemente inanimados, os locais, mas que ganham vida por terem sido participantes e testemunhas tanto da história coletiva quanto da história particular daqueles que com eles tenham se relacionado. Nas palavras de Assmann, “a expressão é sugestiva porque aponta para a possibilidade de que os locais possam tornar-se sujeitos, portadores da recordação e possivelmente dotados de uma memória que ultrapassa amplamente a memória dos seres humanos”<sup>36</sup>. Embora cite uma resposta de Schiller a Goethe sobre a possibilidade de uma memória estar apenas em um local em que o mesmo diz que “ao final importa a mente, isto é, importa saber se um objeto vai significar algo para ela”<sup>37</sup>, ou seja, a um local não basta o se dar a ler, mas também pede que se saiba lê-lo, ou, nas palavras de Nava, erudição, ainda assim os locais

fazem parte da construção de espaços culturais da recordação muito significativos. E não apenas porque solidificam e validam a recordação, na medida em que a ancoram no chão, mas também por corporificarem uma continuidade da duração que supera a recordação relativamente breve de indivíduos, épocas e também culturas, que está concretizada em artefatos.<sup>38</sup>

A cidade que Nava habita é a mesma em que ele passou a maior parte de sua vida e, por isso, está repleta de suas memórias. Mas também é uma cidade em que uma ampla parcela de sua família se instalou ou habitou em períodos variados. O próprio autor intercalou distintas fases de sua vida nessa cidade variando suas moradas entre Minas Gerais e Rio de Janeiro. Com isso, os locais que Nava visita na cidade não são apenas em sua memória, mas também, como já citado, locais percorridos por seus familiares, por personalidades famosas do país e mesmo por personagens fictícios, como Capitu, e que habitam o universo afetivo do autor. Todos eles construíram esses sentidos a esses locais que Nava sabe ler e por isso eles extrapolam a recordação do autor e se inscrevem como testemunhas de épocas anteriores ao próprio narrador, daí a profundidade no tempo que esses locais carregam. Esse tipo de reflexão pode ser relacionado ao que Assmann chama de locais das gerações porque “o que dota determinados locais de uma força de memória especial é antes de tudo sua ligação fixa e duradoura com histórias de família”<sup>39</sup>. Durante um primeiro trecho de sua caminhada, Nava evoca eventos no passado que ocorreram antes mesmo de seu nascimento o que enfatiza a sua relação de pertencimento vinculada

---

<sup>36</sup> ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: Formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016, p. 317.

<sup>37</sup> ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: Formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016, p. 318.

<sup>38</sup> *Idem*.

<sup>39</sup> *Ibidem*, p. 320.

ao caráter geracional da presença de sua família, portanto de um passado que o supera, e que se inscreve nos locais já pisados por seus parentes:

Assim, subindo, cada vez que troco os pés na marcha, sei que estou pisando lugares palmilhados pelos amigos, por meus tios Salles e Alice, por meu pai quando vinha visitá-los. Galgo esse primeiro trecho fazendo essa reprodução do caminhado dos meus e vou calcando solos do ministro Hermenegildo de Barros, da prima Maricas do Juca Horta e suas filhas que moraram por aqui. Os passos de minha mãe também conheceram essas calçadas quando ela vinha ver a parenta. Povoando a rua de fantasmas, continuo minha ascensão.<sup>40</sup>

Os locais das gerações caracterizam-se pelo caráter de continuidade que eles detêm. O solo e o espaço geográfico ganham seu caráter de local de recordação pelo fato de várias gerações terem nele habitado. No caso de Nava e de sua família, esse critério se satisfaz, embora sua família, e inclusive o narrador das memórias, terem habitado diferentes regiões do país, por exemplo Minas Gerais, conforme já citado. Assmann atenta para o fato de que a modernidade tende a impedir a possibilidade de gerações se fixarem em apenas um determinado local, essa característica do sedentarismo é pré-moderna, pois “a modernização (...) demanda uma consciência móvel, livre de poderes e forças ligadas a locais fixos”<sup>41</sup>. Apesar de podermos aproximar a relação de Nava com o solo da cidade do Rio de Janeiro como um local das gerações, o percurso de sua família pelo Brasil é feito de idas e vindas à cidade do Rio, ainda assim, o vínculo, mesmo que descontínuo, se constituiu. Interessante que o mesmo movimento de ziguezague que o autor faz pelas ruas de seu bairro também se materializa nas idas e vindas de suas moradias variando principalmente entre Minas Gerais e Rio de Janeiro. Embora bastante nômade, o nomadismo do autor e de sua família tinha pontos fixos nesses distintos lugares.

Porém, um dos tipos de locais que Assmann descreve e que parece mais se aproximar com a realidade da narrativa de Nava é o tipo de local caracterizado pela autora como locais honoríficos. Segundo a autora, enquanto os locais das gerações caracterizam-se pela continuidade, os locais honoríficos tem na descontinuidade, na ruptura, a sua mais forte característica. Essa relação com os locais cabe bem ao tipo de relação que Nava tem com os locais que ele visita para recordar e reconstituir o seu passado perdido. É na sensação de descontinuidade entre o Rio de Janeiro que ele habita no presente da escrita

---

<sup>40</sup> NAVA, Pedro. **Galo das Trevas**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014, p. 42.

<sup>41</sup> ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: Formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016, p. 321.

das memórias e o Rio que ele evoca com saudade que a sensação de descontinuidade ganha força. Segundo Assmann:

No local honorífico, uma determinada história não seguiu adiante, mas foi interrompida de modo mais ou menos violento. Tal história se materializa em ruínas e objetos remanescentes que se destacam nas redondezas. O que foi interrompido cristaliza-se nesses restos e não estabelece qualquer ligação com a vida local presente, a qual não só prosseguiu, como também avançou para além dos restos sem nem tomá-los em conta.<sup>42</sup>

A maioria das pessoas, ao andar pelas ruas das cidades, pouco se atém aos aspectos históricos que ainda resistem nos locais. A maioria passa alheia a eles principalmente pela pressa em cumprir suas agendas e também pelo tipo de relação que se tem com a cidade e suas ruas como um lugar nocivo e perigoso pelo qual convém passar rápido. Além disso, o pouco interesse dos governantes em possibilitar apreender o passado através dos locais, com placas informativas ou apontamentos que deem informações sobre a história da cidade ajuda a potencializar a falta de ligação desses locais com a vida local presente. Assmann salienta que “esses locais (...) são carentes de explicações; seus significados precisam ser assegurados complementarmente por meio de tradições orais”<sup>43</sup>. É com essa intenção que Nava nos leva a descer as ruas de seu bairro e nos informa que “A rua Taylor tem esse nome por ter sido aberta nos terrenos da chácara do chefe de divisão João Taylor. Seus números de 139 a 135 oferecem, a quem vai descendo, primeiro vista de casinhas típicas do princípio dos 1900 e depois ruínas”<sup>44</sup>. A narrativa de Nava, com seu tom informal que leva os leitores a acompanhá-lo pelos seus passeios enquanto ele indica os locais e a memória que eles detêm e ao mesmo tempo traça reflexões e diálogos com seus leitores, desempenha pela escrita uma proximidade com a tradição oral necessária à complementação das informações contidas nesses locais. É através do olhar de Nava que lemos as mensagens escritas nos locais pelos quais ele passa. Como cronista de suas ruas, Nava salienta o caráter no tempo que elas detêm. Assim como sua própria figura de velho andando pelas ruas, o autor, agora pisando a rua da Glória, também aponta outra personagem que salienta a profundidade no tempo desses locais:

Vê-se janela onde, como aparição de outras eras, como uma espécie de celacanto, há uma velha rebocada que chama pela fresta das portadas postas de

---

<sup>42</sup> ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: Formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016, p. 328.

<sup>43</sup> *Idem*.

<sup>44</sup> NAVA, Pedro. **Galo das Trevas**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014, p. 45.

meia jota. Dizem que essa relíquia de uma prostituição superada faz a vida ali há mais de cinquenta anos, que é de tudo e pelo jeito ainda tem freguesia. Conheço-a de vista de meus passeios a pé e quando ela da janela me rejuvenesce com seu discreto sinal de cabeça (entra, simpático) – nunca deixo de cumprimenta-la grave e profundamente como a uma grande dama.<sup>45</sup>

Os locais honoríficos são desvelados e assim “o longo caminho da tradição escrita é vitalizado e ganha força por meio do breve caminho da inspeção pessoal, da ‘autópsia’; a herança intelectual do passado torna-se acessível aos olhos do observador, os quais se deparam com objetos remanescentes visíveis”.<sup>46</sup> O olhar atento do observador que aponta e elucida recriando, assim, o elo perdido entre o tempo passado representado pela ruína e o tempo presente e, dessa forma, permitindo um reencontro com a ideia de temporalidade perdida. Relembrando um passeio feito em Roma, Petrarca retoma os caminhos percorridos com seu amigo Giovanni Colonna, dois flaneurs apontando as camadas de tempo da cidade antiga

Percorremos não apenas a cidade, mas também as redondezas, e cada passo nos oferecia ensejo para uma conversa e reflexões: aqui o sítio de Evandro; aqui a construção de Carmente; aqui a caverna de Caco; aqui a loba que alimenta e a figueira ruminal, que deveria chamar-se mesmo romulana. (...) Neste templo Augusto contemplou a chegada dos reis e a esfera terrestre a lhe pagar donativos. (...) Aqui Cristo encontrou seu vicário em fuga; aqui se crucificou Pedro, aqui o lugar onde Paulo foi decapitado, aqui o lugar onde Laurêncio foi incinerado; aqui o enterrado deu lugar para poder acomodar-se Estevão, que acabava de chegar.<sup>47</sup>

O advérbio “aqui” como representante do apontar de dedo que o caminhante faz pela cidade antiga retoma trecho da obra de Nava já citada em que o autor, caminhando como se estivesse acompanhado de um interlocutor invisível vai, a cada “aqui” apontado pelo interlocutor como local real do percurso transcorrido, intercalando e corrigindo pessoa sem imaginação ou erudição, com as camadas de tempo que aquele espaço ajuda a reconstituir:

Isto aqui, este espaço todo é a Fundação Getúlio Vargas. Não, senhor! Aqui era a casa do barão de Itambi, quando vizinho do dr. Torres Homem e mais para adiante a já derrubada onde Bidu Sayão aprendeu a cantar. Aqui é a avenida Brasil. Também não. Aqui era o porto onde encostava a lancha de Oswaldo Cruz vindo para a Fazenda de Manguinhos.<sup>48</sup>

---

<sup>45</sup> NAVA, Pedro. **Galo das Trevas**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014, p. 46.

<sup>46</sup> ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: Formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016, p. 330.

<sup>47</sup> *Idem*.

<sup>48</sup> NAVA, Pedro. **Galo das Trevas**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014, p. 35.

Seguindo seu trajeto pela sua Glória sentimental, na rua Conde de Lages, paralela à rua da Glória, e exatamente atrás de seu edifício, durante seu passeio Nava olha a rua e nos informa de seu passado: “Quando havia prostituição ostensiva no Rio, o trecho da zona que vinha da parte sul – transversais do Catete, Russel – comunicava-se com o da parte que ia para o norte pelos braços abertos das ruas da Glória e Conde de Lages”<sup>49</sup>. Através dessa informação sóbria evocada pelo local, sua narrativa ganha tons poéticos onde a memória dessa rua e a nostalgia confundem-se com Charlus, personagem de Proust, amplificando o já extinto tom lascivo de um local agora transformado em ruína:

Sempre penso nesse mundo iluminado, poético, trágico, sinistro e orgástico quando nos meus passeios pela Glória entro (...) numa rua Conde de Lages despida das galas de seus antigos festivais e vazia de suas multidões de machos em cio. Quem poderia me dizer que eu contemplaria suas ruínas e o paredão se desagregando – em cujas alturas tiniam taças de cortesãs de Sagunto do famoso Consulado, bordel movimentado como a Estação de Pedro II cujo símile era o Armenoville de São Paulo - os dois lembrando o lupanar em que Charlus entrou, ponta dos pés, para surpreender a traição de Morel.<sup>50</sup>

Os passeios de Nava pelas ruas de seu bairro são uma das formas que o autor encontra para revisitar locais que evocam suas recordações e que o transportam novamente, mesmo que através da imaginação, para mais perto de seu universo afetivo particular. De qualquer forma, mesmo com as qualidades mágicas que esses locais têm como locais memorativos e capazes de auxiliar na busca de um tempo perdido, Nava paga o preço por essa proximidade que é apenas aparente e que na verdade mais amplifica a distância em relação ao objeto perdido do que a encurta. Essa relação com os locais ou com objetos capazes de aproximar do passado e que tem um caráter aurático, conforme leitura de Aleida Assmann: “Uma tecitura incomum de espaço e tempo: aparição única de uma distância, por mais próxima que possa parecer”<sup>51</sup>, amplificam no autor das memórias sua nostalgia e melancolia frente a um objeto irrecuperável. Nessa linha, Assmann encerra o capítulo sobre os locais demonstrando os limites do encantamento que eles guardam:

O que se supunha estar próximo mostra-se de repente sobre outra luz, que afasta e priva. O sagrado contido na aura não se fundava, para Benjamin, em um sentimento de proximidade, mas sim de distância e estranheza. Nesse sentido, um local dotado de aura não traz promessa de algo imediato; mais que isso, é um local em que se podem perceber sensorialmente o afastamento e a

---

<sup>49</sup> NAVA, Pedro. **Galo das Trevas**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014, p. 48.

<sup>50</sup> *Idem*.

<sup>51</sup> ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: Formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016, p. 359.

distância irrecuperável do passado. O local da recordação é de fato uma “tecitura incomum de espaço e tempo”, que entretete presença e ausência, o presente sensorial e o passado histórico.<sup>52</sup>

Embora ciente dessa impossibilidade e irreversibilidade da passagem do tempo, Nava se agarra a esses vestígios e ruínas como um desesperado. A possibilidade do encontro com o passado, mesmo que precária, basta para o autor e é como um apaixonado que ele se agarra a esses vestígios principalmente porque, de certa forma, para o autor das memórias não restam muitas alternativas. Encontrando-se no limiar da vida, tendo mais passado do que futuro, o que lhe resta é se agarrar aos resquícios que o mantêm ligado às coisas que o compõem. De qualquer forma, mais do que lamento, também há denúncia em seu texto

Os endereços que aponto são os de casas que vão morrer e que breve não existirão mais. Assim como acompanhamos avidamente a agonia dos que amamos para guardar para sempre a tirania de sua derradeira lembrança – acho que todos que passam diante de uma velha casa, de uma velha igreja, devem olhá-las como quem segura, se encosta, cheira, beija, lambe, degusta o corpo apetecido. É amar agora porque a mocidade foge. É olhar e ver agora porque as selvas de pedra proliferam e nunca mais se contemplarão os telhados, beirais, ornamentos, lambrequins, serralherias, gradis, portões, vidraças e bandeirolas de vidro azul de que estou dando o endereço.<sup>53</sup>

### E completa

Em suma, de tudo que está impregnado no mata-borrão esponja das casas velhas e que nelas se depositou com o tempo – tudo de imprevisível como a sombra das pátinas, de luminoso como o polido dos mármore antigos e belo como o que há de mais belo – adolescência mocidade, Amor Triunfante...<sup>54</sup>

Nava tem razão em sua denúncia, mas ao mesmo tempo é interessante questionar o caráter conservador do autor das memórias. Sabemos que a geração modernista, geração de Nava, principalmente aquela atrelada à chamada geração de 30 do romance regionalista, também demonstrava certa nostalgia e escrevia histórias quase sempre apontando de um lado a decadência da sociedade de engenho e de outro o êxodo rural, assinalando a figura de personagens marcados pelo fracasso<sup>55</sup> e pelo êxodo, portanto, podemos ver certo caráter nostálgico de uma elite latifundiária que via com nostalgia o período de auge dessa sociedade aristocrática. Nava sente saudade de um Rio de Janeiro *belle époque* no qual, levado pela mão de seu tio, o menino Pedro experimentava os

---

<sup>52</sup> ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: Formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016, p. 360.

<sup>53</sup> NAVA, Pedro. **Galo das Trevas**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014, p. 53.

<sup>54</sup> *Idem*.

<sup>55</sup> BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2015.

privilégios de sua origem, se não aristocrática, ao menos abastada, e com acesso ao que de melhor poderia dispor uma criança do início do século XX proveniente de uma família de profissionais liberais bem-sucedidos. Logo, o contraste entre o Rio de Janeiro de sua infância e o do presente da escrita de suas memórias acusa uma grave deterioração que daria ensejo a uma nostalgia de caráter conservador e elitista. Portanto, é interessante questionar qual o caráter da nostalgia de Nava para melhor compreender suas intenções ao nos levar juntos em seus passeios no espaço e no tempo.

Svetlana Boym, em seu livro *El futuro de la nostalgia*, em sua edição em espanhol, faz uma distinção entre dois tipos de nostalgia. Uma delas é de caráter conservador e restaurador e a outra, de caráter reflexivo. Segundo a autora, o termo *nostalgia* é uma palavra nostálgicamente grega, cunhada no século XVII, através da junção do termo *nostos*, entendido como o regresso ao lar, e *algia*, no sentido de saudade. O termo ganha força durante a modernidade, principalmente, como já dito por Assmann, pelo caráter nômade que a modernidade impõe e a consequente ausência de laços fixos com os lugares. Importante lembrar também da distinção entre espaço e lugar que Boym aponta ao longo de seu texto, em que o *lugar* é o ponto físico, geográfico no mapa, enquanto *espaço* é o mesmo ponto no mapa, porém atribuído de valor social, antropológico, ou seja, que conta com algum laço afetivo para as pessoas que o habitam. Por isso mesmo o livro de Assmann traz em seu título o termo *espacios da recordação*, pois são lugares onde as pessoas deixaram algum laço afetivo com o lugar. Na modernidade, e principalmente ao longo do século XX com grandes massas de pessoas se movimentando no espaço, refugiados, migrantes e pessoas desraizadas, temos mudanças que incentivaram a criação dos sintomas nostálgicos. Porém, as formas de manifestação dessa nostalgia são diferentes. Na nostalgia restauradora, quanto maiores as mudanças que ocorrem, mais fortes ficam a tradição e o conservadorismo desse tipo de nostálgico. Os sintomas são mais focados no *nostos*, no retorno ao lar, ou seja, a nostalgia restauradora tem seu impulso de ação menos voltado para a saudade e o distanciamento do que voltado para quem aponta as incongruências e diferenças entre o passado e o presente, entre as pretensões da tradição e a realidade histórica. Por isso o vínculo dos restauradores com movimentos ultranacionalistas ou teorias da conspiração e, inclusive, Boym aponta que os restauradores em verdade nem se reconhecem como nostálgicos. O que eles empreendem é uma cruzada contra a dissolução de suas tradições que não enxergam como inventadas e marcadas pelo tempo histórico, mas sob ameaça de dissolução por um



inimigo externo. Ou seja, “incluso en su expresión más moderada, la nostalgia restauradora ignora los signos del tiempo histórico – la pátina del tiempo, las ruinas, las grietas, las imperfecciones”<sup>56</sup>.

Por outro lado, a nostalgia reflexiva, com seu enfoque na *algia*, ou seja, na saudade, na distância, vê seus sintomas mais relacionados ao tempo histórico, à irreversibilidade do passado e por isso enxerga na pátina do tempo, nas ruínas, etc., o símbolo perfeito do caráter da passagem do tempo e da finitude humana. Ao contrário da nostalgia restauradora que vê os signos do tempo histórico como ameaças, o nostálgico reflexivo encontra nesses resquícios um estímulo para reflexão sobre o caráter descontínuo das coisas, sobre a perda incontornável como uma das características de todo ser. Sobre esse tipo de nostálgico, Boym diz que

son conscientes de que existe un vacío entre la identidad y la semejanza; el hogar se encuentra en las ruinas o, de lo contrario, está tan cambiado y aburguesado que es imposible reconocerlo. Esta falta de familiaridad, esta sensación de distancia, impulsa a este tipo de nostálgicos a contar su propia historia, a narrar la relación que existe entre el pasado, el presente y el futuro. Por medio de esta añoranza, estos nostálgicos descubren que el pasado no es sencillamente lo que ya no existe, sino que el pasado, em palavras de Henry Bergson, ‘puede actuar y actuará insertándose en una sensación presente de la que toma prestada la vitalidad’.<sup>57</sup>

É da sensação presente que o passado se revitaliza e se reencontra com quem recorda. Ao longo de sua escrita, Nava compartilha suas sensações ao ver a cidade objeto de sua saudade. Ao mesmo tempo que se queixa da quase absoluta destruição, também é na ruína que encontra a possibilidade do reencontro. Salientando mais uma vez o conceito de aura em Benjamin, podemos ver que Nava se enamora da distância e que, ao mesmo tempo em que se queixa da destruição, é essa ruptura entre o antes e o depois que motivam a escrita de suas memórias. Nava tem consciência da irreversibilidade do tempo, da perda e da distância, e em momento algum busca a restauração dos lugares que perdeu ou dos amigos. A única forma de restauração ou reencontro que ele busca é através da escrita e o motor que move esse exercício encontra-se justamente na consciência que tem Nava da distância e da diferença. A escritura de suas memórias é justamente o espaço em que o autor salienta sua consciência da distância, nada mais oposto ao nostálgico restaurador

---

<sup>56</sup>BOYM, Svetlana. **El futuro de la nostalgia**. Madrid, ES: A. Machado Libros, versão ebook, 2015, posição 1482.

<sup>57</sup> *Idem*, posição 1623.

que foge do termo nostalgia e não se enxerga à distância, mas sim em um eterno presente sob ameaça. O lugar está radicalmente modificado, os amigos já morreram e Nava, no momento da escrita do volume cinco de suas memórias, informa ser o mais velho de sua família, mas ele tem consciência do vazio entre a identidade e a semelhança, por isso mesmo faz uso de técnicas da ficção para contornar as armadilhas da memória. Conforme Nava diz:

O passado não é ordenado nem imóvel – pode vir em imagens sucessivas, mas sua verdadeira força reside na *simultaneidade* e na *multiplicidade* das visagens que se se dispõem, se desarranjam, combinam-se umas às outras e logo se repelem, construindo não um passado, mas vários passados.<sup>58</sup>

Ou seja, Nava sabe das idealizações que uma imagem fixa do passado representa. Ele sabe que o que se perdeu não retorna e que nessa perda não há culpados há não ser o fluxo do tempo.

O autor das memórias enxerga os espaços de suas recordações como diversas sobreposições de “agoras” e suas queixas se dão pelo descaso com que se modifica a cidade sem que se dê atenção para seus espaços de recordação que o une ao lugar. Conforme disse Levi-Strauss sobre as cidades latino-americanas, “sempre jovens, jamais são saudáveis, porém”<sup>59</sup> e isso é o que Nava acusa com a destruição do seu Rio de Janeiro e a construção de uma nova cidade sempre em movimento, nômade. Ao mesmo tempo, é interessante a potência que uma cidade sempre em reconstrução tem como metáfora para a passagem do tempo. É no contato com a ruína de algum antigo sobrado que o contraste causado pela passagem do tempo ganha força. Flanando pelo seu bairro tão modificado, Nava consegue, às vezes, encontrar uma camada mais antiga de tempo em alguma escavação na rua ou mesmo no contraste entre um edifício novo e uma edificação antiga, ou seja, o exercício da memória encontra no esquecimento, na destruição, na ruína, parte constituinte do próprio exercício de recordar e não sua antagonista, uma forma de reencontro com o passado. Com isso, como diz Boym:

La porosidad se encuentra en todas las ciudades, es un reflejo de los distintos estratos de tempo y de historia que se han ido acumulando, de los problemas sociales y de las ingeniosas técnicas de supervivência urbana. La porosidade

---

<sup>58</sup> LE MOING, Monique. **A solidão povoada**: uma biografia de Pedro Nava. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1996, p. 87.

<sup>59</sup> LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos**. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016, p. 103.

es una metáfora espacial del tiempo en la ciudad, de las distintas dimensiones temporales engastadas en el espacio físico.<sup>60</sup>

A cidade como local em que diversas temporalidades e memórias se cruzam, se chocam, se atritam. Logo, ela é o lugar perfeito para o exercício aurático do distanciamento. Ou seja, o lugar ideal para o nostálgico reflexivo exercitar sua consciência da distância. Nava olha os espaços salientando o caráter honorífico dos lugares que vimos junto ao autor ao longo deste capítulo. Os espaços da recordação de Nava são marcados pela descontinuidade e ruína, mas ao mesmo tempo são esses lugares e seus contrastes com a cidade moderna que auxiliam na memória e na escrita do autor. Como gatilhos e *madeleines* inesperadas são nas ruínas que o autor exercita sua consciência do tempo, não um tempo perene e estático como o querem os nostálgicos restauradores, mas sim um tempo marcado pela ruína, rachaduras, descontinuidades e perdas. São essas perdas que o motivam a escrever e lembrar e são nas ruínas que Nava se reencontra consigo mesmo, ou seja, a sua escrita salienta o caráter duplo da ruína como algo que ao mesmo tempo que aponta uma distância, também demonstra uma permanência, algo que dura mas que se modificou, e são esses lugares marcados pela passagem do tempo, pela pátina, que Nava evoca.

---

<sup>60</sup> BOYM, Svetlana. **El futuro de la nostalgia**. Madrid, ES: A. Machado Libros, versão ebook, 2015, posição 2360.

### 1.3 Tempo e experiência

Mas a quem será que Nava se dirige ao escrever? Ao seu próprio passado na tentativa de reencontrá-lo? Sim. Também como um texto para ser lido por sua geração, que recebeu os livros de Nava com entusiasmo? Certamente. Mas existe também um caráter mais amplo da escrita de Nava (e de qualquer escrita). O caráter que toda narrativa empreende, mas que nem sempre obtém sucesso. Apesar dos óbvios recortes de classe que colocam Nava e sua escrita ao lado de representações e demandas de uma certa elite brasileira, ainda assim temos, para além do caráter particular de suas recordações, também um caráter amplo nas possibilidades de transmissão de experiência que a obra de Nava nos dá acesso. Acostumado a ouvir as histórias de sua família e a receber documentos e arquivos pessoais com fotos, certidões, receitas culinárias, etc., Nava sempre se viu cercado de uma forte tradição familiar. Tradição essa muitas vezes nobiliárquica e orgulhosa de sua genealogia. Mas talvez essa criação seja a que possibilitou esse caráter “no tempo” de Nava. Esse olhar que ele deita sobre as coisas e em que enxerga as diferentes camadas temporais que os espaços e coisas comportam. Portanto, o caráter da narrativa de Nava tem um potencial que vai além das queixas de um velho saudoso. Como já citado, o caráter quase ensaístico da forma de Nava o aproxima de textos que nos ajudam em interpretações do Brasil. E, de outro modo, a narrativa pessoal com que o autor vai nos levando aos lugares e demonstrando suas relações com eles, criam aquela sensação de caminhar junto ao autor e receber dele as suas experiências.

Num certo sentido, grande parte da surpresa que causou a novidade de Nava como escritor se deve a algo tão velho quanto o homem: a capacidade de contar histórias. Isso não lhe retira mérito algum, ao contrário; ele é um narrador fora do comum. Um narrador que se embebeu profundamente na tradição oral, a dos contadores anônimos de casos, provavelmente filtrada pela roda da conversa familiar mineira e casada com um vasto saber erudito e as muitas leituras literárias. De qualquer forma, um narrador formado pela cadeia de transmissão oral da experiência através das gerações, por esse lento processo de assimilação do vivido que, depois da gradativa apropriação pela memória, se transforma na matéria-prima das narrativas que parecem não findas jamais.<sup>61</sup>

Tais colocações de Arrigucci retomam o tema sobre experiência e pobreza de Benjamin e as funções do narrador: “Quem encontra ainda pessoas que saibam narrar algo

---

<sup>61</sup> ARRIGUCCI JR, Davi. **Móbil da memória**. In: Enigma e comentário. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1987, p. 150.

direito? Que moribundos dizem hoje palavras tão duráveis que possam ser transmitidas como um anel, de geração em geração?”<sup>62</sup>. Nava, autoconsciente e sempre salientando o fato de estar no fim de sua vida, exercita sua vontade de comunicar a experiência que colecionou ao longo da vida. Mais do que isso, estando tão próximo da morte, Nava acaba por conjurar certa autoridade para falar em experiência pois:

a expressão privilegiada dessa experiência tradicional é a palavra do moribundo, não porque ele teria qualquer saber secreto pessoal a nos revelar, mas muito mais porque, no *limiar* da morte, ele aproxima, numa repentina intimidade, nosso mundo vivo e familiar deste *outro* mundo desconhecido, e, no entanto, comum a todos.<sup>63</sup>

De certa forma as queixas de Nava sobre a destruição de seus espaços de recordação nos servem também como imagem para a própria degradação da experiência temporal contemporânea. Nesse caso, a obra de Nava, além de transmitir uma experiência, também encontra no conceito de “passado prático”, de Hayden White, mais um uso.

Aquellas nociones del pasado que todos llevamos con nosotros en la vida diaria y las que recurrimos, voluntariamente y como mejor podemos, para obtener información, ideas, modelos y estrategias que nos ayuden a resolver todos los problemas prácticos con los que nos encontramos en lo que sea que consideremos nuestra *situación* presente, desde cuestiones personales hasta grandes programas políticos. Este es el pasado de la memoria, del sueño y del deseo, así como también de la resolución de problemas, de las estrategias y de las tácticas para la vida, tanto personal como comunitaria.<sup>64</sup>

O tema principal do capítulo fonte deste trabalho é o momento em que Nava, narrando o seu presente, faz um esforço para transmitir sua forma de leitura de espaços de recordação. Tais locais são metáforas para a memória de Nava e nos dão a ver a relação particular de Nava com o tempo. O uso prático e a experiência que Nava nos transmite tem sua função no sentido de dar algum lastro temporal em uma contemporaneidade cada vez mais distante de uma noção de duração. Aqui, pensamos o conceito de duração de acordo com leitura de Kehl, pois “a duração implica a sensação subjetiva de indivisibilidade do movimento de nosso corpo, tanto no espaço quanto no tempo. A duração é uma espécie de ilusão necessária para manter o sentimento de (alguma) continuidade em nossa existência”<sup>65</sup>. Dessa forma, a experiência de tempo de Nava, marcada por uma sobreposição de “agoras” e não por um presente absoluto, nos ajuda a

---

<sup>62</sup> BENJAMIN, Walter. **Experiência e pobreza**. Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 123.

<sup>63</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 2017, p. 58.

<sup>64</sup> WHITE, Hayden. **El pasado práctico**. In: LAVAGNINO, Nicolas & TOZZI, Veronica (org.) Hayden White, la escritura del pasado y el futuro de la historiografía. Buenos Aires: Eduntref, 2012, p. 25.

<sup>65</sup> KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo, SP: Boitempo, 2017, p. 138.

vislumbrar algum sentido de continuidade no tempo. Mais uma vez retomando o caráter mais ensaístico de Nava, podemos recordar citação de Benjamin sobre história e tempo: “a história é objeto de uma construção cujo lugar não é o tempo homogêneo e vazio, mas um tempo saturado de ‘agoras’. Assim, a Roma antiga era para Robespierre um passado carregado de ‘agoras’, que ele fez explodir do continuum da história”.<sup>66</sup> É com uma experiência de tempo marcada por essas sobreposições, como um palimpsesto, ou melhor, um *pentimento*, que temos a possibilidade de exercitar em nós alguma noção de tempo mais distendida.

Maria Rita Kehl, em seu livro *O tempo e o cão: a atualidade das depressões* aponta o quanto os aspectos sociais do mundo contemporâneo, principalmente a questão da aceleração do tempo, vem estreitando cada vez mais nossa relação com o tempo. Tais características acabam por amplificar os sintomas de depressão. Segundo a autora, a relação entre as depressões e a experiência de uma temporalidade fragmentada estão intrinsecamente ligadas. Novamente, podemos ver o quanto as demandas de Nava na luta contra a dispersão de suas memórias, na leitura atenta dos resquícios temporais na cidade, servem como exemplares para a recuperação dos lastros com um devir que está se perdendo na atualidade. Ao longo do capítulo fonte deste trabalho, Nava faz questão de transmitir sua experiência com o tempo de sua vida. Esse é um capítulo de suas memórias em que Nava narrador, no presente de sua escrita, narra o presente de seu tempo. Não está mais rememorando eventos do passado, mas sim fazendo o trabalho de reflexão sobre o fazer de sua escrita e também a demonstração de como se dá sua relação com as coisas que o auxiliam nessa escrita. Ainda pensando nos temas trazido por Kehl temos que

a *durée* bergsoniana, além da função de conservação do passado no presente necessária a cada tomada de decisões que a vida impõe aos homens, pode se expandir a ponto de alcançar grandes extensões da existência, desde que o espírito possa desligar-se com certa frequência dos imperativos da ação presente e colocar-se na predisposição para o devaneio e o sonho.<sup>67</sup>

Portanto, mesmo que as queixas de Nava sobre seus espaços de recordação sejam referentes a sua relação com o tempo, suas queixas não ficam no vazio, mas são

---

<sup>66</sup> BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de história**. Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.

<sup>67</sup> KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões**. São Paulo, SP: Boitempo, 2017, pp. 141, 142.

elaboradas pelo autor que tenta justificar, na medida do possível, sua tristeza. A sua perda pessoal e elaboração dessa perda serve como transmissão da experiência temporal de Nava. As respostas aos estímulos do mundo contemporâneo e que já eram claramente visíveis no ano de 1978, ano em que Nava escreve o volume cinco de suas memórias, estimulam a perda do lastro temporal tão importante na construção de nossas identidades. Os sintomas nostálgicos que o século XX começa a experimentar devido aos traumas e êxodos que o século impôs não se restringem apenas ao campo espacial, mas também ao campo do espírito e também muito em relação ao tempo, pois vivemos em “um presente tornado tanto mais contraído quanto mais intensamente a necessidade de responder a tais estímulos exclui a dimensão da memória”<sup>68</sup>. A resposta a tais estímulos é o atendimento às demandas do mundo contemporâneo. A atenção plena ao agora único da produção nos torna alheios aos demais “agoras” que compõem nossa duração. Vivendo em uma temporalidade empobrecida, temos “uma desmoralização da experiência”. Assim como com os nostálgicos restauradores que querem viver em um tempo estagnado, o tempo acelerado da contemporaneidade produz um presente distendido, absoluto: “Se a vida psíquica, premida pela necessidade de reagir a estímulos externos velozes e violentos, fica restrita ao trabalho (protetor) da atenção consciente, que experiência se produziria a partir de uma vivência dessas?”<sup>69</sup>

Então uma nova forma de miséria se torna quase uma regra. O crítico literário Antônio Cândido, em certa passagem usada por Kehl como epígrafe da segunda parte de seu livro *O tempo e o cão*, diz que: “O capitalismo é o senhor do tempo. Mas tempo não é dinheiro. Isso é uma monstruosidade. O tempo é o tecido da nossa vida”. A miséria que se instaura a partir do início da lógica da produtividade e consumo nos faz pensar se nesse contexto ainda temos espaço para narrativas e experiências. Promover formas de dar continuidade à tessitura temporal que mantém nossos vínculos sociais e culturais encontra no conceito de transmissão de experiência uma forma útil. Mais uma vez, ao contrário do nostálgico restaurador que luta pela perpetuação da tradição, temos em Nava uma reflexão que busca a transmissão de uma experiência. Conforme Kehl:

A tradição participa dos mecanismos de estabilização e perpetuação do poder; a experiência, por sua vez, não tem relação com a autoridade e sim com o sentido que uma coletividade é capaz de extrair do que seus antepassados

---

<sup>68</sup> KEHL, Maria Rita. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo, SP: Boitempo, 2017, p. 155.

<sup>69</sup> *Idem*.

viveram, ou das narrativas que seus contemporâneos trouxeram de regiões e de países distantes.<sup>70</sup>

Antônio Cândido dedica boa parte de seu ensaio *Poesia e ficção na autobiografia* para a obra de Pedro Nava. Alegando a importância de Nava como expoente da literatura contemporânea, ao lado de Carlos Drummond de Andrade e Murilo Mendes, Cândido argumenta sobre o caráter universal e paradigmático das *memórias*.

Seria possível falar de uma superação do genealógico pelo paradigmático, do individual pelo grupal, do transitório pelo duradouro. Como em Proust, a fuga do tempo é compensada pela permanência das estruturas e a recorrência dos detalhes - como quando o olhar de uma bisavó ressurgue em dois bisnetos ou a dureza de dona Lourença de Abreu e Mello é retomada pela da sua neta dona Maria Luísa, avó materna do Narrador.<sup>71</sup>

Ou seja, os temas de Nava ao longo de seus livros, a memória, o coletivo que supera o individual, o duradouro que supera o transitório, a permanência das estruturas e dos detalhes, etc., ilustram bem uma relação com o tempo bastante diferente da que se cultivava na época em que Nava escreveu e, principalmente, da que se cultiva nos tempos atuais. Com isso, a função de suas narrativas ao transmitir a forma de experienciar o tempo de Nava, um tempo marcado por camadas que são no tempo e no espaço, experiência de um tempo compartilhado, um olhar que tem na longa duração, e não apenas no presente, uma forma de se enxergar no tempo, enfim, a narrativa de Nava assume uma função paradigmática na tentativa de uma fuga dessa nova forma de miséria.

Ao longo da primeira parte de seu texto, Nava nos demonstra e aponta a sua cidade, o seu bairro, os seus locais que conformam o personagem e narrador Pedro Nava. Ciente do quanto tais locais são constituintes de sua própria pessoa, o narrador das memórias passeia por sua cidade recordando o tempo passado e lamentando a distância incontornável entre o tempo presente e o tempo que já passou. Objeto de dor, mas também contendo a possibilidade, mesmo que precária, de contato com o tempo perdido, Nava se lamenta pelo desleixo e deterioração dessa cidade e bairro, pois cada peça dessa geografia que se perde é como um pedaço de si que também desaparece. Dupla ruína: de seus locais de memória e de seu corpo que envelhece, a busca, mesmo que dolorosa, desses locais são boia de salvamento de quem percebe o caráter duplo desses locais como o “horror do

---

<sup>70</sup> KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão**: a atualidade das depressões. São Paulo, SP: Boitempo, 2017, p. 155, 156.

<sup>71</sup> CÂNDIDO, Antônio. **Poesia e ficção na autobiografia**. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 1987, pp. 63, 64.



escombros e a glória do vestígio”<sup>72</sup>. De difícil preservação, a cidade de Nava vai ruindo aos poucos, cabendo ao autor o esforço de escrita das suas memórias como forma de mantê-la perene e presente para si mesmo e para os que o leem. Outro local importante para Nava é a sua casa. No edifício número 190 da rua da Glória, nas noites de insônia do autor, cada objeto recorda um amigo, parente, evento passado. Casa arquivo, ela é toda local de memória e também de angústia do autor. Nessa parte de seu texto, em que ele deambula por seu apartamento durante suas noites de insônia como alma penada ululando suas lembranças e saudades de um tempo transato, a ideia e a presença da morte ganham força e amplificam o tom melancólico do seu livro. Se na primeira parte as edificações caras ao autor morriam, agora o olhar do médico se volta para si mesmo e, chorando as fotografias de seus amigos mortos, o autor se aprofunda em reflexões sombrias, antecipações do fim assustador, inevitável, mas também ansiosamente aguardado.

---

<sup>72</sup> BUENO, Antônio Sérgio. **Vísceras da memória**: Uma leitura da obra de Pedro Nava. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 1997, p. 45.

## Capítulo 2: O palácio da memória de Pedro Nava

Como abordado no capítulo anterior, o caráter reflexivo da nostalgia de Nava faz com que sua relação com o passado seja marcada por uma consciência da distância. Apesar da dor da distância, Nava tem consciência de sua irreversibilidade e impossibilidade de restauro. De qualquer forma, o vestígio desse passado promove um possível reencontro através do exercício da recordação. Segundo Assmann, memória e recordação são, muitas vezes, vistas como sinônimos. Porém, a autora relembra uma diferenciação conceitual entre os dois termos: “se nos limitarmos ao terreno do uso diário da língua, então *memória* surge como habilidade virtual e substrato orgânico, ao lado de *recordação* como procedimento presente e imediato de fixação e evocação de conteúdos específicos”<sup>73</sup>. Tal distinção é dada dentro do contexto dos usos diários da língua, ou seja, em suas aplicações cotidianas. De qualquer forma, tal distinção é reducionista, pois acaba separando em polos distintos termos que formam um par conceitual como “aspectos complementares de uma *correlação*, de modo que ambos se manifestem juntos”<sup>74</sup>. Seguindo tal definição, devemos manter em mente a correlação entre a memória, enquanto habilidade virtual e substrato orgânico, e a recordação como fixação e evocação de conteúdos de forma deliberada e consciente. Acompanhando Nava em suas observações e apontamentos sobre seu passado, vemos o agir dessa correlação entre memória e recordação. Porém, o que mais se destaca é a narrativa de Nava no exercício de leitura dos vestígios, ou seja, o olhar atento de Nava para edificações, ruas, monumentos, objetos, etc., que guardam em si uma escrita do passado que Nava evoca. É nessa relação entre o vestígio, que está lá para ser lido por quem souber ler, e a recordação como exercício deliberado e consciente, que Nava nos mostra seus espaços da recordação. Uma questão importante que Assmann aponta é o da

estrutura da recordação, que é sempre descontínua e inclui necessariamente intervalos de não presença. Não se pode recordar alguma coisa que esteja presente. E para ser possível recordá-la, é preciso que ela desapareça temporariamente e se deposite em outro lugar, de onde se possa resgatá-la.<sup>75</sup>

Assim como no flunar pelas ruas de seu bairro, em que o desaparecimento de um sobrado ao mesmo tempo que apaga sua presença física, deixa seu vestígio através de

---

<sup>73</sup> ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: Formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016, p. 163.

<sup>74</sup> *Idem*.

<sup>75</sup> ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: Formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016, p. 166.

uma ausência, o mesmo se dá com os objetos que Nava coleciona em sua casa. De um ponto de vista prático, eles servem como objetos decorativos ou mesmo de uso doméstico. Um bibelot, uma mesa de jantar, estantes, um quadro na parede. Porém, também assumem um caráter de gatilho para a evocação das recordações de Nava. Quando o autor “liga” seu modo nostálgico, principalmente nas noites de insônia, quando é perseguido por seus fantasmas, esses objetos tomam um caráter de repositórios das recordações de Nava. Em um jogo de lembrança e esquecimento, esses objetos ora são de uso comum, ora são repositórios de sua recordação que ou o auxiliam no resgate do que ele quer recordar, ou assomam como assombração, vulto que o toma de surpresa e traz à tona coisas mortas, “nossa sala de visitas é peça que estremeço”<sup>76</sup>.

Tais manifestações de presenças e ausências, lugar de exercício do recordar, também se mostram no corpo de Nava. Novamente, embora suas recordações estejam incrustadas, inscritas em seu corpo assim como em seus objetos/arquivos, tais recordações só vêm quando sob determinada chave de leitura. Não são um texto sempre presente ao olhar do leitor, mas sim uma tessitura que exige análise aguçada e, no caso de Nava, um bom domínio do conhecimento da anatomia humana para ir reconstruindo os pedaços da besta que compõem nosso “Frankenstein hereditário”. Em seu dia a dia são inúmeros os momentos em que vê seu rosto refletido em algum espelho ou como translúcida e fantasmática aparição dada pelo reflexo de si em alguma porta de vidro de armário. Nesses momentos o olhar de Nava pode passar indiferente a sua própria imagem ou se confundir com a figura de algum parente desaparecido. É então que suas recordações saem, voluntária ou involuntariamente do esquecimento para surgir como saudade, nostalgia, distanciamento aurático.

---

<sup>76</sup> NAVA, Pedro. **Galo das Trevas**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014, p. 65.

## 2.1 Casarquivo

“Há trinta e cinco anos moro no edifício Apiacá, à rua da Glória, 190, apartamento 702”<sup>77</sup>. Se para Nava as ruas por onde anda estão ruindo naquilo que elas guardavam do passado, então ele tenta criar um local em que suas relíquias seculares resistam à passagem do tempo e mantenham intactas suas funções de ligação com o passado. Não por acaso, é nessa parte do texto que a melancolia do autor irá se manifestar de forma mais aguda. É na solidão das suas noites de insônia que Nava irá experimentar com força plena o caráter aurático dos objetos que ele coleciona. Enquanto gatilhos de sua memória e por isso mesmo preciosamente guardados, tais objetos, ao aproximarem seu possuidor daquilo que evocam e que já se perdeu, também amplificam e reforçam o distanciamento incontornável em relação ao objeto perdido do autor. Andando por suas ruas ao menos Nava está em contato com o mundo dos vivos, flanando, encontrando pessoas, cruzando com a possibilidade de alguma surpresa ou encontro com o outro; em seu apartamento, porém, no meio da madrugada, quando a cidade dorme, é que Nava se sente mais próximo da solidão que tem um quê com a morte e é acompanhada de seus amigos e parentes mortos que o assombam e saltam de cada objeto por ele guardado em sua casa arquivo. Sua casa, mais do que conter os objetos que ele foi acumulando ao longo da vida, também é como um apêndice do próprio autor: “Aqui caminho no escuro como um cego nas noites sem acender os comutadores como um cego sabendo onde estão as quinas hostis das paredes e as pontas contundentes dos móveis que conheço como um cego nas noites de insônia como um cego”<sup>78</sup>. Nela, ele envelheceu e foi deixando suas marcas, pedaços do seu corpo e suas recordações no apartamento que foi e é cenário de sua vida: “Estou impregnado de suas paredes do seu ar do mesmo modo que ela o está de minha pessoa, dos desgastes do meu corpo cujos fragmentos ficam pulverizados nos revestimentos, no chão no teto”<sup>79</sup>. Cada espaço de sua casa são como pontos cardeais que amparam sua memória. Além disso, ele foi completando esses espaços com objetos e móveis que carregam em si, como arquivos, as lembranças que o autor foi acumulando. Sua relação com a casa habitada há 35 anos compõe, assim como a rua já diariamente percorrida, pontos e lugares que são locais de memória de Nava e é nessa relação íntima com sua casa que o autor se ampara para organizar seu mundo, pois:

---

<sup>77</sup> *Idem.* p. 54.

<sup>78</sup> *Ibidem.*

<sup>79</sup> *Ibidem.*

No lar, os móveis como uma escrivaninha, uma poltrona, a pia da cozinha e a cadeira de balanço na varanda são pontos ao longo de um complexo caminho de movimento que é seguido dia após dia. Estes pontos são lugares, centros para organizar os mundos. Como um resultado do uso habitual, o próprio caminho adquire uma densidade de significado e uma estabilidade que são traços característicos do lugar. O caminho e as pausas ao longo dele, juntos, constituem um lugar maior – o lar. Embora aceitemos facilmente nosso lar como um lugar, precisamos fazer um esforço extra para reconhecer que dentro do nosso lar existem lugares menores. Nossa atenção se centra na casa porque é uma estrutura nitidamente circunscrita e visualmente proeminente. As paredes e o telhado lhe dão uma forma unificada. Retirem-se as paredes e o telhado e imediatamente torna-se evidente que as estações locais como escrivaninha e pia da cozinha são por si mesmas lugares importantes conectados por um caminho intrincado, pausas no movimento, marcos no tempo rotineiro e circular.<sup>80</sup>

Seguindo essa citação é que poderemos melhor entender o profundo apego que Nava tem, e nos explica, com, por exemplo, seu relógio de pêndulo, sua mesa de jantar, escrivaninha ou poltrona e para além dos móveis, também pequenos objetos, lembranças de viagens, suvenires, etc. Portanto, se a rua é o cenário externo de seu estar no tempo, sua casa é o local de memória mais próximo da interioridade do autor, quase como antessala, entre a rua, local público, e a mente de Nava. A familiaridade com esse local se dá também pelo caráter conservador do autor que não permite que se mude coisa alguma de lugar numa tentativa de parar o tempo:

Nossa sala de visitas é peça que estremeço e de que há trinta e cinco anos não deixo mudar móvel de lugar, quadro de parede, miudezas de cima das mesas e dunquerque. Gosto de usá-la pela manhã para passar os olhos nos jornais e inventariar os objetos que encerram recordações amáveis.<sup>81</sup>

Esse caráter conservador de Nava é a forma que ele encontra para tentar, ao menos dentro de seu lar, manter as coisas intocadas pelo tempo, mesmo sabendo que é uma ilusão. Benjamin, em seu livro *Passagens*, diz que quem coleciona “são pessoas com instinto tátil”<sup>82</sup>. Os olhos de Nava que olham a rua, quando em sua casa, podem se fechar que lá, como um cego, ele se move com uma familiaridade ímpar. Sua sala de jantar, quarto, escritório, cada canto do apartamento é-lhe conhecido e guarda um pedaço de suas memórias e por esse motivo que Nava é um acumulador dos vestígios de seu passado e os quer inertes, parados no tempo para sua contemplação, pois “quanto mais inertes as coisas, mais poderosa e criativa poder ser a mente que as contempla”.<sup>83</sup>

---

<sup>80</sup> TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo, SP: DIFEL, 1983, p. 200.

<sup>81</sup> NAVA, Pedro. **Galo das Trevas**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014, p. 65.

<sup>82</sup> BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2006, p. 241.

<sup>83</sup> SONTAG, Susan. **Sob o Signo de Saturno**. Porto Alegre, RS: L&PM, 1986, p. 93.

Entender a casarquivo de Nava encontra em Benjamin algumas indicações de formas de leitura. Se formos aproximar a relação de Nava com seus objetos, móveis e cômodos da casa às características que Benjamin aponta nas intenções do colecionador, veremos que ambas se relacionam à memória que se inscreve nesses objetos, pois, assim como nas intenções de Nava de fazer com que o passado não se dissolva, de fazer com que ele ainda consiga acessá-lo, assim também age o colecionador de Benjamin: “Talvez o motivo mais recôndito do colecionador possa ser circunscrito da seguinte forma: ele empreende a luta contra a dispersão”<sup>84</sup>. Dispersão de um mundo que é o de Nava, dispersão também de um mundo que é o nosso através do esvaziamento do passado, todos esses movimentos de Nava em relação a uma preservação procuram o arquivamento de dados sensíveis que não convêm perder. Aleida Assmann, comentando a definição de arquivo para Derrida, irá destacar que “sua definição compreende os componentes de significado ‘substrato’ e ‘residência’, bem como a instituição dos guardiães que protegem a lei, trazem-na à lembrança e interpretam-na”<sup>85</sup>. Enxergar Pedro Nava e sua obra memorialística como o esforço não só pessoal, mas também de transmissão de uma tradição, como o trabalho de um guardião e intérprete da memória social amplifica a importância de seus livros para a compreensão da história do Brasil. Porém, apesar dos usos possíveis de sua obra, o tom de Nava ao longo do capítulo por nós utilizado carrega a dor da memória evocada pelos itens que ele coleciona/arquiva. Ainda segundo Benjamin, a relação com os objetos armazenados é marcada pela perda da função útil e convencional deles e sua nova aplicação como objeto que evoca suas lembranças, colecionar é uma “relação com as coisas que não põe em destaque o seu valor funcional ou utilitário, a sua serventia, mas que as estuda e as ama como o palco, como o cenário de seu destino”<sup>86</sup>. É como Nava afirma enquanto caminha pela sua sala durante mais uma noite de insônia, após cruzar com olhar de seus amigos Manuel Bandeira e Freddy Blank através de uma reprodução de Vermeer de Delft, pintura que ele ganhou de seus amigos e que evoca sua memória: “Abaixo da pintura um nicho com objetos que perderam a finalidade para que foram criados porque passaram também a ser assombrados pelos mortos. São coisas que parecem viver, enxergar – dir-se-ia que vão falar. Psiuuuu...”<sup>87</sup>.

---

<sup>84</sup> BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2006, p. 245.

<sup>85</sup> ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação: Formas e transformações da memória cultural**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016, p. 367.

<sup>86</sup> BENJAMIN, W. **Rua de mão única**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1995, p. 228.

<sup>87</sup> NAVA, Pedro. **Galo das Trevas**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014, p. 63.

Nava, em sua compulsão de acumulação, coleção e arquivamento nos demonstra sua sensibilidade para encontrar, nas coisas, vestígios do passado. Cada objeto ou móvel ou local que ele olha ou toca, lhe devolve momentos do seu passado. Novamente, esse reencontro com o passado é dado de forma precária, marcado pelo distanciamento irreconciliável entre o presente do autor e o passado que ele rememora. De qualquer forma, são os objetos por ele colecionados, arquivados que irão auxiliá-lo a encontrar o alento para sua saudade. Temperamento similar ao de Nava temos em Benjamin. Susan Sontag, ao falar sobre o ato de colecionar para Benjamin, ilustra bem a relação de Nava com suas coisas:

Fidelidade é acumular coisas – que aparecem, na maior parte, sob a forma de fragmentos ou ruínas. (“É comum na literatura barroca empilhar incessantemente fragmentos”, escreve Benjamin). Tanto o barroco quanto o surrealismo, sensibilidades com as quais Benjamin sentia uma forte afinidade, veem a realidade como um conjunto de coisas. Benjamin define o barroco como um mundo de coisas (emblemas, ruínas) e ideias especializadas (“No reino do pensamento, as alegorias são o que as ruínas são no reino das coisas”). O gênio do surrealismo consistiu em generalizar com efervescente vitalidade o culto do barroco pelas ruínas; em perceber que as energias niilistas da era moderna transformam todas as coisas em ruínas ou fragmentos – portanto, são colecionáveis. Um mundo cujo passado se tornou (por definição) obsoleto e cujo presente produz antiguidades instantâneas é um convite aos zeladores, aos decodificadores, aos colecionadores.<sup>88</sup>

Nava demonstra sua ligação com as coisas ao se referir à impregnação da presença de seus amigos mortos nos objetos e móveis que ele guarda com carinho em casa. Vagando pelos cômodos durante suas noites de insônia, ele é atormentado pelos amigos e familiares mortos que surgem de cada canto, de cada objeto. Metáfora para a memória do autor e para os objetos como gatilhos da memória, o tom fúnebre dessas recordações atestam a proximidade do próprio autor com a finitude de sua vida:

Basta olhar uma cadeira, abrir uma gaveta que eles logo se conjuntam subindo duma foto, duma carta, deste encosto de poltrona que conservou sua forma viva. Essa adesão dos mortos aos objetos é um dos segredos de sua tirania que se exerce tanto mais intensa quanto mais vamos vivendo e portanto acrescentando a ciscalhada que nos acompanha e de que cada fragmento nos traz sugestão dum desaparecido. E cada dia que passa mais cacarecos vamos juntando e mais sinistra se torna a legião dos entranhados nos objetos que estremecemos.<sup>89</sup>

Assim como as ruínas que o autor visita durante suas caminhadas, ele também contempla os objetos como restos, evidências e vestígios. Eles compõem o arquivo

---

<sup>88</sup> SONTAG, Susan. **Sob o Signo de Saturno**. Porto Alegre, RS: L&PM, 1986, pp. 92, 93.

<sup>89</sup> NAVA, Pedro. **Galo das Trevas**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014, p. 59.

pessoal do autor, sua coleção particular de gatilhos para sua memória. A constituição de um arquivo, segundo Ricoeur, irá sempre referenciar a existência de um vestígio. Se fizermos o trabalho inverso partindo de um arquivo e buscando seus pressupostos iniciais, passaremos do arquivo para o documento e deste para o vestígio. É, portanto, pela existência de vestígios do passado que o arquivo nasce como local de guarda desses restos. Sendo então a matéria com que Nava trabalha sobre o presente de suas lembranças e também na escrita de sua obra memorialística, o arquivo que ele constituiu em sua casa com seus objetos e locais representam o ponto de apoio entre o seu passado que desapareceu e a compulsão de retornar, resgatar, reviver, etc., sua própria história, pois o arquivo é “marcado justamente pela tensão entre o que permanece e o que se apaga, pela pulsão de morte e pelo que a ela apresenta resistência, a pulsão do arquivo”<sup>90</sup>. Assim como a rua e seus locais de memória que a todo tempo, durante todas as caminhadas que o autor faz, é repassada na memória de Nava, as lembranças evocadas pelos locais em um exercício mnemônico que busca, na repetição das informações já conhecidas, a manutenção das mesmas, também em sua casa Nava procura nesses objetos guardados com compulsão a manutenção dos vestígios e de suas lembranças porque “o arquivo tem lugar em lugar da falta originária e estrutural da chamada memória”<sup>91</sup>. Partindo da ideia de falta, da ausência que faz surgir a necessidade de salvaguardar vestígios do que não mais existe é que podemos ver melhor as intenções de Nava na sua compulsão de guardar cada pequeno objeto que, destituído de sua função original, irá auxiliá-lo no preenchimento das lacunas de sua memória. Mais uma vez, o caráter aurático do preenchimento dessas lacunas ao mesmo tempo que confortam o autor também o atormentam. Como fantasmas que insistem em aparecer e lembrar da distância, o arquivo de Nava é elemento que salienta um vestígio e uma ruína, afinal, “no arquivo o que há são marcas, impressões, que atestam presenças e vazios; há o corpo e a falta dele, e a afirmação insistente de que aquilo que ali se marcou (talvez o gesto da criação) já não está mais presente e, entretanto, *ainda* está de algum modo.”<sup>92</sup> Exemplo dessa relação com seus arquivos está em passagem em que Nava enumera objetos dentro de móvel utilizado

---

<sup>90</sup> MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues. **O arquivo da literatura em Borges e Calvino**. In: Caligrama, Belo Horizonte, v. 20, n.1, p. 75, 2015.

<sup>91</sup> *Idem*.

<sup>92</sup> BRAGANÇA, Gustavo Moura. **Corpo em ruínas: a escrita entre arquivos e o testemunho da literatura**. Tese (Doutorado em Literatura) - PUCRJ. Rio de Janeiro, 2013, p. 182.



para guardar pequenos objetos de vitrine onde o autor reencontra, ao abri-lo, toda uma efusão do passado:

Abro-o para prolongar a recordação da viagem em que o trouxe e logo um relento mortal se evola do seu conteúdo cheio dos defuntos. Uma medida para pesar ouro em pó do velho Halfeld; as lentes que minha bisavó Mariana Carolina amarrava na testa para servirem seus olhos cansados; o porta-moedas de prata de meu avô Pedro da Silva Nava; caveirinhas de marfim que estavam nos botões de punho de meu pai quando estudante de medicina; miniaturas de xicrinhas, pratinhos, sapatinhos que minha mãe gostava de dar cobrindo a simplicidade do presente com sua poesia e beleza intrínseca. Toco esses objetos como se o fizesse a mãos, testas, cabelos mortos. Outros me trazem de volta pessoas e fatos tão entranhados em minha vida que puxá-los é como fazê-lo a toda a infância, a toda uma paisagem, a minha existência toda.<sup>93</sup>

Objetos aparentemente inúteis e desligados das funções a que foram primeiramente designados, tais itens salientam o caráter amplo que eles podem assumir uma vez que tenham sido impregnados da marca do passado para a pessoa que é sensível e atenta a esses detalhes, isso porque

Em um nível epistemológico elementar, já se tornou banal sublinhar que qualquer traço deixado pelo passado se torna para o historiador um documento, desde que ele saiba interrogar seus vestígios, questioná-los. (...) Tudo o que possa informar um pesquisador, cuja pesquisa esteja orientada por uma escolha fundamentada de questões, tem valor de documento.<sup>94</sup>

Novamente pensando na experiência de tempo de Nava e na perda das referências coletivas, o colecionar de Nava demonstra uma forma de luta contra a dispersão:

A casa particular torna-se uma espécie de refúgio contra o mundo exterior hostil e anônimo. O indivíduo burguês, que sofre de uma espécie de despersonalização generalizada, tenta remediar este mal por uma apropriação pessoal e personalizada redobrada de tudo que lhe pertence no privado: suas experiências inefáveis, seus sentimentos, suas mulher, seus filhos, sua casa e seus objetos pessoais.<sup>95</sup>

Para além dessa relação afetiva com os arquivos, Nava também vê, em seus gestos arquivísticos, a busca por legitimidade no texto que escreve. Já nas primeiras linhas de seu *Galo das Trevas*, Nava, citando Shakespeare na epígrafe do capítulo, se questiona sobre como traduzir o termo *honest* e o quanto tal adjetivo é importante para ele:

Como traduzir? mais corretamente *honest*. Por honesto, evidentemente, e por extensão, analogia, também por verdadeiro, autêntico, genuíno, natural, intrínseco, básico, fiel, direito, verossímil. Quem tem dessas qualidades é

---

<sup>93</sup> NAVA, Pedro. **Galo das Trevas**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014, p. 64.

<sup>94</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa: O tempo narrado**. São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes, 2016, p. 200.

<sup>95</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 2017, p. 59.

correto e puro. E se é assim, tem vergonha. (...) É o que penso no dia em que completo setenta e cinco anos de vida e começo este meu quinto volume de memórias. E por que? a epígrafe. Para minha encucação durante o trabalho que empreendo. Querendo ser sincero, veraz e probo. Usando brio e vergonha.<sup>96</sup>

Não apenas como coleção particular dos vestígios de seu passado, mas também como itens que, a partir do início da escritura de suas memórias, irão servir como referências legitimadoras do texto que escreve, seus arquivos o amparam na intenção de verdade do autor. Segundo Ricoeur, quando fala dos documentos guardados no arquivo e que evocam vestígios, os documentos têm a função de “*apoio, garantia*, fornecido a uma história, uma narrativa, um debate”<sup>97</sup>. Na busca por ser sincero, veraz e probo de Nava, seus arquivos são os garantidores das boas intenções de seu autor porque ele sabe que “se a história for uma narrativa verdadeira, os documentos constituem seu último meio de prova; esta alimenta a pretensão da história de estar baseada em fatos”<sup>98</sup>. Segundo Bragança, “Nava é efetivamente um *escritor de arquivos* – e o é não apenas como o colecionador-arquivista de seus papéis, mas por escrever colado aos documentos, postos estes ao lado (ou conduzidos através) da memória”<sup>99</sup>. Ainda que manifesta a intenção do autor de veracidade e também conhecidos seus métodos de trabalho e aberto ao público seus arquivos (os documentos de Nava foram, ainda em vida, doados à Fundação Casa de Rui Barbosa), sua intenção de verdade pode acabar sendo posta em dúvida pelo caráter da obra memorialística do autor. Embora amparada em arquivos do autor, sua obra memorialística, por se aproximar da ficção no estilo livre da composição do texto que mescla memórias, ensaio, citações à documentos e um caráter de prosa poética que foge dos padrões ditos sóbrios e imparciais de um discurso pretensamente verdadeiro, a preocupação do autor em se mostrar honesto, demonstrada já na epígrafe do livro, é a preocupação de alguém que sabe que toca em assuntos sensíveis para os personagens envolvidos na narrativa e vida do seu autor. De qualquer forma, a relação de Nava com os arquivos que ele evoca se caracteriza fortemente por uma relação afetiva dele com o objeto/vestígio e com o quanto eles evocam, em si, a proximidade possível entre o passado que sua memória é capaz de fazer ressurgir e a capacidade narrativa que dá forma e presença a esse passado. Método que se faz, sim, através dos rigores no trato dos

---

<sup>96</sup> NAVA, Pedro. **Galo das Trevas**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014, p. 33.

<sup>97</sup> RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa: O tempo narrado**. São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes, 2016, p. 199.

<sup>98</sup> *Idem*.

<sup>99</sup> BRAGANÇA, Gustavo Moura. **Corpo em ruínas: a escrita entre arquivos e o testemunho da literatura**. Tese (Doutorado em Literatura) - PUCRJ. Rio de Janeiro, 2013, p. 186.

vestígios de seu arquivo e na intenção de verdade do autor, mas que tem sua forma moldada pelas exigências da saudade e nostalgia particular de seu autor, a obra memorialística de Nava transita nesse gênero híbrido entre história e ficção, conforme White:

(...) considerar a questão da objetividade histórica em termos de uma oposição entre acontecimentos 'reais' e 'imaginários' que, por sua vez, provém da oposição entre 'fato' e 'ficção', é obscurecer uma conquista importante da cultura ocidental (...). De fato, é tão difícil conceber um tratamento da realidade que não use técnicas ficcionais para representar eventos, como é igualmente difícil conceber uma ficção séria que, de alguma maneira, ou em algum nível, não se reporte à natureza e ao significado da história (WHITE, 1998, pp. 197, 198).<sup>100</sup>

Ciente da dificuldade de delimitar o lugar exato da fronteira entre ficção e história, ao longo da obra de Nava somos sempre lembrados pelo autor do caráter pessoal da obra que ele escreve. Salientando a sua honestidade e busca pela verossimilhança na obra que compõem, o autor nunca deixa de mostrar a marca do *eu* em sua obra, característica salientada pelo caráter óbvio tanto do gênero, memórias, quanto na presença do autor ao longo do texto como narrador a repensar o próprio ato da sua escrita no momento mesmo de sua concepção.

Ao passado, ao passado! Vamos a essa prodigiosa abstração do Tempo, breve segundo continente infinito, fabuloso país em que vivi (irreversivelmente) e até onde – nem os automóveis, os aviões, as nuvens, os módulos espaciais serão capazes de me fazer retornar. Só o pensamento mais rápido que os foguetes estratosféricos, só a saudade-minuto-luz podem me arrebataram nessa viagem para as distâncias siderais de mim mesmo.<sup>101</sup>

---

<sup>100</sup> WHITE, Hayden. **O evento modernista**. In: Lugar Comum, n, 5-6, 1998, pp. 197, 198.

<sup>101</sup> NAVA, Pedro. **Balão cativo**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2012, p. 334.

## 2.2 Ruína do corpo

Em contraposição aos objetos e móveis que Nava arquiva em sua casa e que têm uma perenidade maior e que dependem mais do cuidado e da vigilância de seu possuidor para que se mantenham acessíveis, temos, como dito no início deste trabalho, a rua e suas edificações que vão sumindo, sendo destruídas e consumidas pelas novas edificações que surgem. Ambos são vestígios do passado para Nava, porém uma delas, sua cidade, ruía a olhos vistos pelo seu apreciador. Outro arquivo que também dá acesso aos vestígios do passado e que dolorosamente estava ruindo assim como as edificações que compõem o corpo da amada cidade do Rio de Janeiro, cenário da vida do autor, é o corpo físico de Nava. Também esse corpo representa para o autor um vestígio de seu passado e de seus ancestrais, pois ao se analisar no espelho ou se ver em uma fotografia, Nava, como bom anatomista que era, conseguia distinguir traços de seus familiares, conseguia reconhecer em si um pedaço da avó, um cacoete do tio, certa postura do pai, etc. A análise médica que Nava fazia de si mesmo prognosticava que seu fim estava próximo. O desbarrancamento de seu corpo que, ao mesmo tempo que apontava sua ruína, ia também trazendo à tona seus parentes, mais uma vez “o horror do escombros e a glória do vestígio”, fazia o autor carregar em si a consciência de um arquivo vivo, arquivo este que estava desmoronando. Tal consciência, é de se esperar, só amplificava a melancolia do autor ao salientar essa proximidade com o passado que na verdade só delatava uma distância irremediável.

Momento de transição entre os objetos que consagram o arquivo doméstico de Nava e o seu corpo também arquivo, a poltrona onde o autor passou boa parte de sua vida sentado representa bem a fusão entre Nava e a casa que habita.

Minha poltrona, que virou negativo de meu corpo, me acolhe como se fosse outro corpo vivo. Completamente só, me aninho na sua concavidade entortada pela posição meio torcida em que sento sempre e seus braços seguram os meus – cansados de bracejar nos campos áridos da insônia.<sup>102</sup>

Seu corpo e os objetos e móveis da casa formam uma unidade para Nava. Ambos se completam no trabalho de não deixar esquecer ao autor a passagem do tempo. Ainda que a poltrona, negativo de seu corpo, o aninhe e ampare nas noites de insônia, a mesma também retoma a ruína do corpo envelhecido:

---

<sup>102</sup> NAVA, Pedro. **Galo das Trevas**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014, p. 74.

A expressão “negativo do meu corpo” confere à poltrona a condição de câmera fotográfica que registra os desgastes desse corpo – cabelos caídos, unhas cortadas ou lixadas, esfoliações da pele – no atrito entre as duas peles sob a ação do tempo. A poltrona, também uma ruína, testemunha a progressiva ruína do corpo, registrando seu desmonte palmo a palmo.<sup>103</sup>

Antes de analisarmos os trechos em que o Nava médico melancolicamente se diagnostica, é interessante demonstrar os momentos, em seu texto, em que o autor consegue ver em si os vestígios de sua história.

Pedro Nava era conhecido também pelo seu talento como exímio anatomista. Aliado a isso, temos sua qualidade de retratista e pintor, qualidades que exigem atenção à figura humana e que o qualificaram para o exame atento de seu próprio corpo e seus vestígios. Sobre sua paixão pela figura humana, a escolha da área da medicina que Nava iria exercer foi profundamente influenciada por essa sua paixão, conforme nos informa o autor:

Dotado de espírito visual, dono de uma memória óptica que poucas vezes falha, a ponto de saber, até hoje, se na página da direita ou na da esquerda de um livro que li muitas vezes (o Testut, por exemplo, descritiva e topográfica) e na dita página, se no alto, meio ou embaixo, está a figura ou o trecho que procuro – essa prenda concorreria para fazer de mim o grande estudioso de anatomia que sempre fui. Se eu tivesse tido conselheiros vocacionais a orientar-me no curso médico – não teria hesitado entre a clínica externa e a interna, tampouco entre as especializações, para escolher finalmente a reumatologia. Teria ficado com a minha primeira namorada do curso superior – a morfologia do corpo humano. Para isto teria concorrido minha curiosidade profunda pela nossa estrutura, curiosidade jamais saciada e que em mim, mesmo no erotismo, se junta a uma espécie de *animus dissecandi* – se me permite esse macarronismo latino. Em mim o amor se junta a uma pergunta pela entranha e pela função que devo à marca profunda deixada pelos estudos de anatomia humana.<sup>104</sup>

Na área da pintura, sua erudição e seu conhecimento dos pintores clássicos aliavam-se aos seus estudos da anatomia na hora, por exemplo, de diagnósticos, como em trecho de suas memórias em que Nava assevera a morte de paciente citando obra de Michelangelo.

- Pode parar, Amarante, que o homem está morto!
- Com' é cocê sabe?
- Porque Miguel Ângelo não me engana....

Todos pensaram que o Egon estava divagando. Ele teve de explicar àquelas cabecinhas de médico que referia-se à flexão plantar do primeiro dedo que é

---

<sup>103</sup> BUENO, Antônio Sérgio. **Vísceras da memória**: Uma leitura da obra de Pedro Nava. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 1997, pp. 69, 70.

<sup>104</sup> NAVA, Pedro. **Beira-Mar**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2013, p. 114.

tanatognômica e que caracteriza o dito “pé de cadáver”. Que ele vira o mesmo se constituir e que...

- Mas o que tem? Miguel Ângelo com isto.

- Tem porque ele representou este pé no Cristo morto da sua *Pietà* com realismo espantoso. Até que o sinal devia ter seu nome...<sup>105</sup>

Além disso, temos também seu talento como caricaturista, a caricatura “é uma representação gráfica que deforma a personagem, sublinhando suas características mais fortes, podendo ser usada para salientar aspectos positivos ou negativos”.<sup>106</sup> Mais usualmente aplicada à sátira, as caricaturas de Nava geralmente eram utilizadas para o humor e deboche, mas também serviram para a autoanálise de si frente ao espelho, onde Nava sublinha e salienta os aspectos mais visíveis de sua velhice, como veremos adiante. Ainda sobre essa sua qualidade de retratista, temos que:

Nava dizia que sua primeira manifestação artística tinha sido a pintura, o desenho e que sempre tivera a mania de descobrir semelhanças entre as pessoas reais e figuras da pintura, da escultura e da ficção. O entendimento que tinha da forma plástica abrangia objetos simples, paisagens, animais, a figura humana e o movimento.<sup>107</sup>

A mania de descobrir tais semelhanças entre pessoas reais e da pintura, escultura e ficção, aplica-se também na leitura do autor, em si, das semelhanças suas com personagens reais do passado, no caso, seus familiares:

Atento agudamente nesses retratos no esforço de penetrar as pessoas que conheci (umas bem, outras mal) e cujos pedaços reconheço e identifico em mim. Nas minhas, nas deles, nas nossas inferioridades e superioridades. Cada um compõe o Frankenstein hereditário com pedaços dos seus mortos. Cuidando dessa gente em cujo meio nasci e de quem recebi a carga que carrego (carga de pedra, de terra, lama, luz, vento, sonho, bem e mal) tenho que dizer a verdade, só a verdade e se possível, toda a verdade.<sup>108</sup>

Mais uma vez a vontade de verdade e honestidade do autor. Sempre amparado em arquivos, como fugir à verdade quando se carrega e encontra em si o olhar repreensivo dos parentes cobrando a verdade dos fatos? É nessa consciência da carga genética recebida dos seus parentes e percebida em si que se dá o reencontro com pessoas do passado. Para o autor, não é só quando reconhece no espelho traço de parentes, mas

---

<sup>105</sup> NAVA, Pedro. **O círio perfeito**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1983, p. 23.

<sup>106</sup> BUENO, Antônio Sérgio. **Vísceras da memória**: Uma leitura da obra de Pedro Nava. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 1997, p. 112.

<sup>107</sup> *Ibidem*. p. 106.

<sup>108</sup> NAVA, Pedro. **Baú de ossos**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2012, p. 243.

também, através do olhar agudo e treinado do anatomista e retratista que percebe na simples forma de andar os trejeitos de seu tio.

Nessa época meu *tio* já estava se curvando mas seu andar ainda era lépido e firme. Tenho a impressão que estou ficando com seu caminhado, sua atitude e quando sigo num corredor ou numa sala, sinto-me vagamente envultado pelo parente. Penso nele.<sup>109</sup>

Em sua busca pelo tempo perdido, o método de Nava para esse reencontro alia-se aos seus estudos de anatomia, à seus arquivos formados por objetos, móveis, fotografias, cartas, etc., e também a todo tipo de vestígio que tenha o poder de fazer sua imaginação fértil e memória invulgar alcançar novamente as imagens de seu passado. Nessa reconstrução, ele parte do fragmento para, com erudição e imaginação, ir formando o todo que deseja restituir. No início do livro *Vísceras da Memória*, seu autor, já aqui citado, Antônio Sérgio Bueno, lembra a primeira visita que fez a Nava e relata fato curioso que atesta a atenção de Nava à figura humana:

Nava convidou-me para acompanhá-lo a seu escritório, pediu-me que sentasse em uma poltrona (uma cadeira?) defronte à dele e ligou uma espécie de holofote que me iluminou completamente, como se fosse fotografar-me. Notando que me sentia incomodado com aquela luz forte sobre mim, explicou que ia desligá-la já, que queria apenas fixar alguns traços do meu rosto.<sup>110</sup>

Essa fixação com o detalhe e o estudo acurado dos traços fisionômicos é mais uma ferramenta para o memorialista que, sintomaticamente preso ao passado, vê em cada detalhe de rosto, corpo, rua ou objeto um resquício. A paixão de Nava pela figura humana, pela genética e pela genealogia se explica pelo poder que tais marcas perpetuam, como ele mesmo nos explica:

Os mortos... Suas casas mortas... Parece impossível sua evocação completa porque de coisas e pessoas só ficam lembranças fragmentárias. Entretanto, pode-se tentar a recomposição de um grupo familiar desaparecido usando como material esse riso de filha que repete o riso materno; essa entonação de voz que a neta recebeu da avó, a tradição que prolonga no tempo a conversa de bocas há muito abafadas por um punhado de terra (- Tinham uma língua, tinham... Falavam e cantavam...); esse jeito de ser hereditário que vemos nos vivos repetindo o retrato meio apagado dos parentes defuntos; o fascinante jogo de adivinhação dos traços destes pela manobra da exclusão.<sup>111</sup>

Tais resquícios, de extrema valia para um nostálgico reflexivo, exigem refinado conhecimento de técnicas de reconstrução. Atenção aos detalhes de um médico, erudição

---

<sup>109</sup> NAVA, Pedro. **Chão de ferro**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2012, p. 233.

<sup>110</sup> BUENO, Antônio Sérgio. **Vísceras da memória**: Uma leitura da obra de Pedro Nava. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 1997, p. 17.

<sup>111</sup> NAVA, Pedro. **Baú de ossos**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2012, p. 63.

de historiador, imaginação de ficcionista e precisão de arqueólogo no trato dos frágeis elementos do passado que ressurgem soterrados pelo tempo e escavados pela busca do passado, a mesma busca de

Cuvier partindo de um dente para construir a mandíbula inevitável, o crânio obrigatório, a coluna vertebral decorrente e, osso por osso, o esqueleto da besta. A mesma do arqueólogo que da curva de um pedaço de jarro conclui de sua forma restante, de sua altura, de suas asas, que ele vai reconstruir em gesso para nele encastrar o pedaço de louça que o completa e nele se completa.<sup>112</sup>

Portanto, é partindo dessa soma de conhecimentos em relação ao corpo e à memória que Nava parte para justificar sua sensação de perda irremediável quando percebe o desbarrancamento do seu corpo. Ainda assim, embora a velhice vá apagando os traços do jovem, ela vai sobrepondo aos traços jovens que desaparecem um reencontro com os demais parentes e suas fisionomias que restavam apenas, quando muito, em velhas fotografias. Ou seja, seu corpo também acusa um distanciamento aurático pois é através da ruína física que ele consegue encontrar os vestígios hereditários de sua família. Sendo assim, a visão de Nava em relação ao seu corpo encontra lugar no conceito de arquivo que aqui abordamos, pois:

Se entendermos o arquivo como um depósito de documentos ou um sistema que permite a elaboração dos discursos, o corpo é possível de ser compreendido enquanto arquivo e lugar de processos de materialização de identidades.<sup>113</sup>

A partir desses conhecimentos de Nava é que podemos entender melhor suas hesitações frente ao espelho e também quando, por distração, acaba incorrendo em uma análise médica de si mesmo. Nesses encontros consigo mesmo que sempre remetem também a um outro ou outros que lhe deixaram a herança genética o autor ao menos tem o alento de reencontrar seu tempo perdido:

Se a totalidade não pode brilhar para sempre no esplendor de um corpo jovem e belo, que ela seja conseguida pelo avesso, através da dolorosa e amarga exibição de suas partes degradadas: topete ralo, pelancas, muxibada, bochechas, ventas enormes. Cada parte dessas é o que restou dos Nava, Pamplona, Jaguaribe e Pinto Coelho. Triste máscara genealógica. Todo o brilho se refugia na escrita, que conta com a resistência das imagens tecidas de matéria menos perecível.<sup>114</sup>

---

<sup>112</sup> *Idem.* p. 64.

<sup>113</sup> RAPOSO, Sílvia. **Os desaparecidos, os fantasmas e o corpo como arquivo.** In: Sociologia on line, Lisboa, n. 15, p. 15, dezembro de 2017.

<sup>114</sup> BUENO, Antônio Sérgio. **Vísceras da memória:** Uma leitura da obra de Pedro Nava. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 1997, p. 73.



A fugacidade desse encontro é sempre acusada pelo Nava médico que, ao se analisar, sabe que “não posso enganar a mim mesmo e sei que já estou contado, pesado e medido”.<sup>115</sup> Ainda assim, o Nava memorialista irá lutar contra essa degradação através da escrita. Repositório de seu passado, seu corpo o ajuda a reencontrar certas lembranças e o aproxima dos parentes queridos ao mesmo tempo que o faz lembrar da morte próxima.

Agora já não me obseda a morte mas sua antecessora escultora da decadência imposta pelo tempo fazendo do corpo hiroximação mais segura que a do furacão soprado pela bomba atômica. Proust fala nas transformações químicas e geológicas por que passa nosso corpo no seu caminho para a morte. Há ainda as mutações de caráter biológico que fazem surgir nas caras e posturas anciãs o traço do antepassado escondido índio negro ou mais longe ainda, dos seres intermediários de quem veio nosso parentesco com o cachorro, o bode, o burro ou a ave – que emergem nas caras cacóquinas. (...) Lembro da desolação que me veio de olhar minha mãe no fim da vida – não mais como ela era mas como os traços que trouxera escondidos dos Pereira da Silva, de Mãe-Dindinha sua avó, de tia Joaninha, tia Joaninha, tia Modestina, tia Regina, Inha Luísa... Velhice.<sup>116</sup>

Compreensível então o elo temporal que se cria quando o autor, ao lembrar da mãe, lembra também dos parentes e do percurso dos seus corpos ao longo do envelhecimento. Percurso esse que ele vê também em si na fase de sua vida em que escreve suas memórias. Quanto mais ele se aproxima da morte, mais ele recorda seus parentes, mais perto ele fica do seu passado e mais sente a dor da perda de seus arquivos e de sua vida, pensando nisso, Nava cita já conhecido efeito das horas finais: “Dizem que os que vão morrer, no último instante do irremediável, veem passar como num filme cada fasto de sua vida. (...) Vejo como num exame de consciência minhas misérias e grandezas cotidianas. Desfilam os amigos que se foram”.<sup>117</sup>

Refletindo sobre isso e consciente da sua proximidade com o “último instante irremediável”, Nava pensa em se prognosticar a frio diante do espelho para ver por um lado o quanto já está “contado, pesado e medido”, mas também para ver passar como um filme cada momento de sua vida. Há um longo trecho de suas memórias onde o autor faz essa análise em frente ao espelho de aumento que “serve para a hora diálogo mudo do barbear”.<sup>118</sup>

O vidro me manda a cara espessa dum velho onde já não descubro o longo pescoço do adolescente e do moço que fui, nem seus cabelos tão densos que

---

<sup>115</sup> NAVA, Pedro. **Galo das Trevas**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014, p. 84.

<sup>116</sup> *Idem*. p. 82.

<sup>117</sup> *Ibidem*. p. 79.

<sup>118</sup> *Ibidem*. p. 86.

pareciam dois fios nascidos de cada bulbo. Castanho. Meu velho moreno corado. A beíçalhada sadia. Nunca fui bonito mas tinha olhos alegres e ria mostrando dentes dum marfim admirável. Hoje o pescoço encurtou, como se a massa dos ombros tivesse subido por ele, como cheia em torno de pilastra de ponte. Cabelos brancos tão rarefeitos que o crânio aparece dentro da transparência que eles fazem. E afinaram. Meu moreno ficou fosco e baço. Olhos avermelhados escleróticas sujas. Sua expressão dentro do empapuçamento e sob o cenho fechado é de tristeza e tem um quê da máscara de choro do teatro. As sobrancelhas continuam escuras e isso me gratifica porque penso no que a sabedoria popular conota à conservação dessa pigmentação. Antes fosse. São duas sarças espessas que quando deixo de tesourar esticam-se em linha demoníaca. Par de sulcos fundos saem dos lados das ventas arreganhadas e seguem com as bochechas caídas até o contorno da cara. A boca também despenhou e tem mais ou menos a forma de um V aberto. Dolorosamente encaro o velho que tomou conta de mim e vejo que ele foi configurado à custa de uma espécie de desbarrancamento, avalanche, desmonte – queda dos traços e das partes moles deslizando sobre o esqueleto permanente. Erosão. A pele frontal caiu sobre os olhos e tornou o cenho severo. Dobrou-se numa sinistra ruga transversal sobre a raiz do nariz. As bochechas desabaram, parecem coisa não minha, pospostas, colocadas depois como as camadas sucessivas, que o escultor vai aplicando num busto de barro. Dentes? O velho riso? Viro e ponho em posição as duas faces laterais do espelho e considero amargamente meu perfil. O topete ralo já não disfarçando a forma fugidia do crânio. As longas orelhas iguais às de minha avó Inhá Luísa, as pelancas barbelas muxibada do pescoço breve, do *dos rond*, quase corcunda, dos Nava. As bochechonas como que empurrando para a frente os olhos lineares, o nariz sinuoso e as ventas enormes querendo aspirar ainda toda a vida do mundo. Pedaç dum, pedaço doutro – Nava, Pamplona, Jaguaribe, Pinto Coelho – reconheço os fragmentos do meu Frankenstein familiar.<sup>119</sup>

Em seu livro *A velhice*, Simone de Beauvoir analisa a condição da velhice e do passar do tempo sob a perspectiva de diversas áreas do saber, como a medicina, a psicologia, antropologia e economia. Tendo como enfoque a experiência subjetiva de diversas personalidades, principalmente da literatura, e sua visão sobre a própria velhice e o fim próximo, a autora reflete sobre questões do tempo enfatizando a carga de passado que essas pessoas idosas carregam e a pouca expectativa em relação ao futuro. Diversos fatores contribuem para uma visão desagradável da própria velhice: o fim próximo, a perda de pessoas queridas, a degradação do corpo, a falta de perspectiva futura, etc. Ao encontro dos pensamentos de Nava, Beauvoir cita uma descrição que Michelangelo faz do próprio corpo. Tão cruel como a citação acima de Nava e estando “oprimido por dores físicas e preocupações”, o pintor italiano diz

Estou despedaçado, esvaziado, desconjuntado por meus longos trabalhos, e a hospedaria à qual me encaminho para viver e comer em comum é a morte... Num saco de pele cheio de ossos e de nervos, guardo uma vespa que zumbe, e num canal, tenho três pedras de piche. Meu rosto parece um espantalho. Estou como esses trapos estendidos nos dias de seca nos campos, e que bastam para espantar os corvos. Em uma de minhas orelhas, corre uma aranha, e na outra,

---

<sup>119</sup> NAVA, Pedro. **Galo das Trevas**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014, pp. 83, 84.

um grilo canta a noite inteira. Oprimido por meu catarro, não posso dormir, nem roncar.<sup>120</sup>

Voltaire, um pouco mais otimista, mas não iludido, dirá que “O coração não envelhece, mas é triste morar nas ruínas”.<sup>121</sup> Tal consciência do corpo degenerando e do habitar ruínas, retoma pensamento de Nava de seu corpo como também espaço de recordação e a dupla dor que ele sente ao ver seu corpo ruindo e destruindo sua ligação com o passado. Para além dessas questões, Beauvoir também reflete sobre o existir e sua relação com o tempo e é neste ponto que encontramos os argumentos que nos ajudam a pensar a escrita das memórias de Nava particularmente dentro da experiência de tempo que o autor evoca. Já no início do capítulo Tempo, Atividade, História, Beauvoir dirá:

Existir, para a realidade humana, é temporalizar-se: no presente, visamos o futuro através de projetos que ultrapassam nosso passado, no qual recaem nossas atividades, imobilizadas e carregadas de exigências inertes. A idade modifica nossa relação com o tempo; ao longo dos anos, nosso futuro encolhe, enquanto nosso passado vai-se tornando pesado. Pode-se definir o velho como um indivíduo que tem uma longa vida por trás de si, e diante de si uma expectativa de sobrevida muito limitada.<sup>122</sup>

Além disso, não apenas as inconvenientes, incontornáveis e naturais questões da velhice contribuem para a melancolia das pessoas idosas, mas também, em decorrência da modernidade, certa perda de vínculos profundos entre as pessoas ao longo do tempo que, com o crescimento das sociedades capitalistas, veem certas tradições ou continuidades no tempo se dissolverem na velocidade dos novos ritmos de produção. Podemos pensar essa questão aplicada a Nava que, nascido em 1903, viu a modernidade e o desenvolvimento da técnica crescer e se desenvolver enquanto engolia tradições centenárias de um Brasil que, de rural, transformou-se em urbano enquanto Nava vivia. A perpetuação das tradições familiares, de profissões que passavam de pai a filho numa sociedade pouco móvel na questão dos costumes, dava a sensação de uma eternidade através da certeza da continuidade de hábitos, costumes e relações sociais fixas. Tal certeza irá se desfazer com as discontinuidades e os nomadismo que o século XX reforça. Nas palavras de Beauvoir:

Hoje, o homem idoso não pode mais pressupor essa espécie de eternidade: o movimento da História acelerou-se. Ela destruirá amanhã o que se construiu ontem. As árvores que o velho planta serão abatidas, Em quase todos os lugares, a célula da família desintegrou-se. As pequenas empresas são absorvidas pelos monopólios, ou então deslocam-se. O filho não recomeçará o pai, e este último sabe disso. Quando ele desaparecer, a propriedade será abandonada, a loja vendida, o negócio liquidado. As coisas que realizou e que

---

<sup>120</sup> BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1990, p. 367.

<sup>121</sup> *Ibidem*. p. 371.

<sup>122</sup> *Idem*. p. 445.

davam sentido à sua vida encontram-se tão ameaçadas quanto ele. Se ama os filhos com generosidade, se aprova o caminho que escolheram, pode pensar com satisfação que se prolonga neles. Mas, dado o fosso que geralmente separa as gerações, esse caso é bastante raro. Quase sempre, o pai não se reconhece em seu filho. O nada toma conta do todo.<sup>123</sup>

Difícil envelhecer nesse contexto. Nava, que não teve filhos, dedica no capítulo que é a principal fonte deste trabalho, algumas páginas para falar de seu sobrinho José Hipólito, morto em acidente de trânsito quando contava apenas 21 anos de idade. Ao longo do texto, Nava enfatiza, procurando a continuidade dos seus familiares nesse jovem precocemente morto, as qualidades artísticas do sobrinho: “No nosso ramo Jaguaribe Nava o *jeito* está presente em todos de minha geração. Mas parece que essa aptidão concentrou-se e ganhou forças nas mãos sensíveis de meu sobrinho José Hipólito”.<sup>124</sup> Diante da História tão acelerada e de um fim próximo para Nava, a perda de um sobrinho que parecia um elo de continuidade em um mundo tão descontínuo é um tema que não está em vão nesse capítulo específico de suas memórias. Sobre isso, Beauvoir dirá que: “o que deixa os velhos inconsoláveis é a perda de pessoas mais jovens, que eles associavam ao seu próprio futuro, sobretudo se tinham gerado, criado ou formado essas pessoas: a morte de um filho, de um neto, é a ruína súbita de todo um projeto”.<sup>125</sup>

Se no primeiro capítulo deste trabalho Nava olha o corpo de sua cidade através dos locais, no segundo, amparado pelos arquivos cuidadosamente colecionados, Nava analisa seu corpo como também vestígio e ruína de suas lembranças. Desse modo, os espaços de recordação de Nava se circunscrevem a planos exteriores, a cidade, e interiores, seu apartamento. Além disso, o corpo da cidade e o corpo de Nava compõem espaços que, bem lidos e analisados, servem como gatilhos para o tempo que se quer recuperar. Em seus passeios ele demonstra aspectos de sua relação com o tempo que são estreitamente dependentes do mundo exterior. Nava se apoia, enquanto nostálgico reflexivo, em uma relação com as ruínas, com os signos do tempo histórico. Reiterando o caráter honorífico desses espaços de Nava.

O estreitamento da temporalidade cara a Nava se dá nas ruínas desses espaços. Mesmo assim, ao mesmo tempo em que os escombros vão se acumulando, também vão sendo desenterrados vestígios outros que antes não eram dados ao nosso narrador. É nessa

---

<sup>123</sup> *Ibidem*. p. 468.

<sup>124</sup> NAVA, Pedro. **Galo das Trevas**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014, p. 91.

<sup>125</sup> BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1990, p. 452.

temporalidade, digamos, remexida, revirada, em que pedaços do passado se imiscuem com o presente, onde a ruína de um casarão ou de um corpo contrastam com construções modernas é que a experiência de um tempo marcado pela distância e pelas inúmeras camadas confusas de épocas distintas, sobreposições de diversos “agoras”, enfim, nessa temporalidade que Nava cria, através da escrita das memórias, uma forma de ordenar o caos de suas lembranças e esquecimentos que ele deseja reencontrar. O que temos ao longo do capítulo fonte deste trabalho é a longa enumeração que seu autor faz das formas de luta contra a dispersão. A sua queixa e melancolia, além do aspecto inevitável da passagem do tempo, também é uma crítica contra o descaso com espaços da recordação de seu autor. Nesse caso, o plano particular da queixa de Nava também serve como alerta para o plano coletivo das questões sobre a temporalidade no mundo contemporâneo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O roteiro sentimental de Pedro Nava que é em seu bairro e em sua casa, mas também em sua memória e imaginação e mesmo em seu corpo, é um roteiro particular. De um ponto de vista pessoal, Nava nos leva com ele por seus locais e espaços da recordação. Mas seu roteiro particular também é o dos que o antecederam. Nava traça e delinea um percurso que é no tempo e que o transcende. Sua experiência de tempo, marcada por uma sobreposição de “agoras”, é uma experiência em que seu passado se mistura também com as histórias que ele herdou e que se inscrevem tanto nos espaços físicos da cidade quanto em seu corpo. Essa experiência de tempo marcada por temporalidades que o transcendem, é o que dá forma ao seu devir e que o expandem para além dos limites individuais construindo uma experiência que é no tempo por ser coletiva.

Como é difícil recordar sem superpor os planos do Tempo cristalino e ver – sem ser em conjunto – as várias cenas que se passam nos quartos separados de uma casa toda de vidro. Imaginamos o Tempo numa sucessão. Sua lembrança, entretanto, pode ser ora seletiva, ora cumulativa e de revivescência simultânea.<sup>126</sup>

Nessa citação, Nava fala sobre os planos superpostos do tempo e da impossibilidade de se recordar sem atentar para as múltiplas dimensões do tempo. Ou seja, o exercício de recordar exige uma dimensão de olhar que é superposta, ora seletiva, ora cumulativa e de revivescência simultânea. Superposição, acumulação e simultaneidade que se inscrevem tanto no plano pessoal, como também no plano coletivo. Experienciar o tempo é fazê-lo nas inúmeras dimensões e camadas que se dão em coletividade. Logo, não podemos falar em uma única experiência de tempo, mas em inúmeras.

Ao salientar esses aspectos de seu estar no tempo, Nava sofre com a nostalgia trazida pela consciência da finitude, mas também consegue enxergar nos vestígios algo que dura e permanece. O narrador Nava constrói a obra de dimensões monumentais que são as suas memórias como forma e produto final da síntese de sua relação com o tempo. Obra que é o seu roteiro particular na luta contra a dispersão, é também esforço de transmissão de uma experiência particular útil para experiências coletivas, pois é na relação com o outro que a tessitura do tempo se constitui. As queixas e saudades de Nava não são apenas individuais, mas também apontam a necessidade de memória em um

---

<sup>126</sup> NAVA, Pedro. **Baú de ossos**. São Paulo, SP: Companhia das letras, 2012, p. 162.

tempo que vem cada vez mais estreitando nossa relação com o devir. Suas memórias são memórias de si e também memória e transmissão do próprio exercício de se ver no tempo.

O caráter paradigmático de suas memórias e, particularmente, do capítulo usado aqui como fonte para este trabalho de conclusão, demonstra o exercício de um narrador preocupado em transmitir uma experiência. Nava aponta, ilustra, demonstra sua relação com aquilo que agencia sua memória não só para demonstrar seus métodos, mas também para compartilhar a tradição dos contadores de histórias e acusar a dissolução dessa tradição. A materialidade de seus livros é vestígio dos esforços de Nava na construção de algo que dure, que permaneça.

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Joaquim Alves de. **Espaços da memória**: Um estudo sobre Pedro Nava. São Paulo, SP: Edusp, 1998.
- ARRIGUCCI JR, Davi. **Móbil da memória**. Enigma e comentário. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 1987.
- ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. São Paulo, SP: Editora Globo, 2008.
- ASSMANN, Aleida. **Espaços da recordação**: Formas e transformações da memória cultural. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2016.
- BEAUVOIR, Simone de. **A velhice**. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1990.
- BENJAMIN, Walter. **Baudelaire e a modernidade**. Belo Horizonte, MG: Grupo Autêntica, 2017.
- BENJAMIN, Walter. **Experiência e pobreza**. Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BENJAMIN, Walter. **Passagens**. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2006.
- BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única**. São Paulo, SP: Brasiliense, 1995.
- BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de história**. Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRAGANÇA, Gustavo Moura. **Corpo em ruínas**: a escrita entre arquivos e o testemunho da literatura. Tese (Doutorado em Literatura) - PUCRJ. Rio de Janeiro, 2013.
- BUENO, Antônio Sérgio. **Vísceras da memória**: Uma leitura da obra de Pedro Nava. Belo Horizonte, MG: Editora UFMG, 1997.
- BUENO, Luís. **Uma história do romance de 30**. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2015.
- BOYM, Svetlana. **El futuro de la nostalgia**. Madrid, ES: A. Machado Libros, versão ebook, 2015.
- BOYM, Svetlana. **Mal-estar na nostalgia**. História da historiografia, Ouro Preto, n. 23, p. 153, abril de 2017.
- CÂNDIDO, Antônio. **Poesia e ficção na autobiografia**. A educação pela noite e outros ensaios. São Paulo: Ática, 1987.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **História e narração em Walter Benjamin**. São Paulo, SP: Editora Perspectiva, 2017.



KEHL, Maria Rita. **O tempo e o cão: a atualidade das depressões.** São Paulo, SP: Boitempo, 2017.

KOSELLECK, Reinhart. **Espaço de experiência e horizonte de expectativa: duas categorias históricas.** In: Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro, RJ: Contraponto, 2015.

LE MOING, Monique. **A solidão povoada: uma biografia de Pedro Nava.** Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1996.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Tristes Trópicos.** São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2016.

MOREIRA, Maria Elisa Rodrigues. **O arquivo da literatura em Borges e Calvino.** In: Caligrama, Belo Horizonte, v. 20, n.1, p. 75.

NAVA, Pedro. **Balão cativo.** São Paulo, SP: Companhia das letras, 2012.

NAVA, Pedro. **Baú de ossos.** São Paulo, SP: Companhia das letras, 2012.

NAVA, Pedro. **Beira-Mar.** São Paulo, SP: Companhia das letras, 2013.

NAVA, Pedro. **Chão de ferro.** São Paulo, SP: Companhia das letras, 2012.

NAVA, Pedro. **Galo das Trevas.** São Paulo, SP: Companhia das letras, 2014.

NAVA, Pedro. **O círio perfeito.** Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira, 1983.

NAVA, Pedro. **O tempo recuperado e um narrador sob suspeita.**

HELLMAN, Lillian. **Pentimento.** Rio de Janeiro, RJ: Francisco Alves, 1981.

HUYSSSEN, Andreas. **A nostalgia das ruínas.** Culturas do Passado-Presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória. Rio de Janeiro: Contraponto/Museu de Arte do Rio de Janeiro, 2014.

RAPOSO, Sílvia. **Os desaparecidos, os fantasmas e o corpo como arquivo.** In: Sociologia on line, Lisboa, n. 15, p. 15, dezembro de 2017.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa: O tempo narrado.** São Paulo, SP: Editora WMF Martins Fontes, 2016.

RIO, João do. **A alma encantadora das ruas: crônicas.** São Paulo, SP: Companhia das letras, 2008.

SONTAG, Susan. **Sob o Signo de Saturno.** Porto Alegre, RS: L&PM, 1986.

TUAN, Yi-Fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência.** Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo, SP: DIFEL, 1983.

MASSAGLI, Sérgio Roberto. **Da cidade moderna à megalópole pós-moderna**: novos lugares, novas práticas espaciais e textuais. In: Terra roxa e outras terras - Revista de estudos literários, Londrina, v. 12, p. 57, junho de 2008.

WHITE, Hayden. **El pasado práctico**. LAVAGNINO, Nicolas & TOZZI, Veronica (org.). Hayden White, la escritura del pasado y el futuro de la historiografía. Buenos Aires: Eduntref, 2012.

WHITE, Hayden. **O evento modernista**. Lugar Comum, n, 5-6, p. 191-219, 1998.